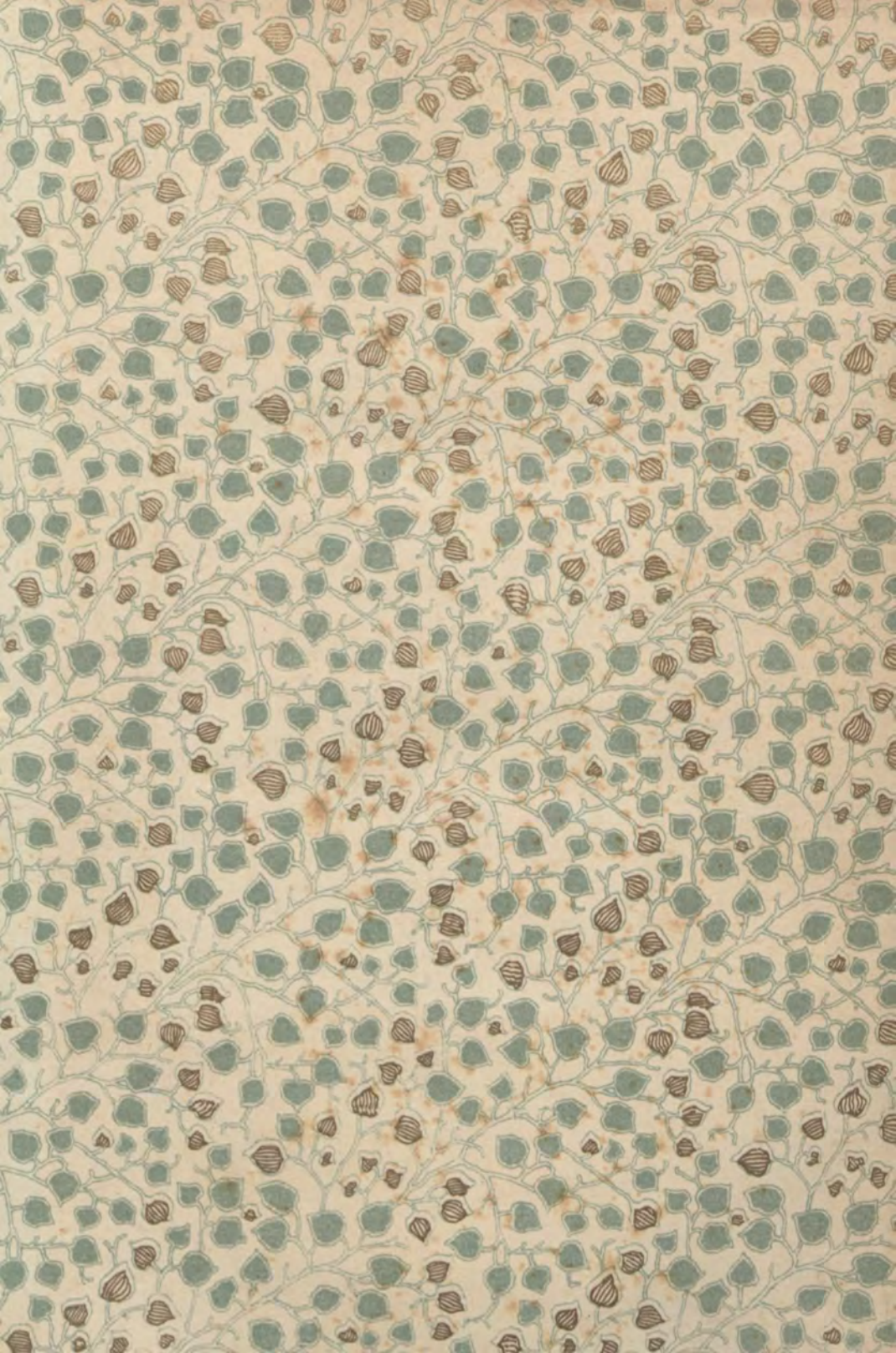


FORTUNATO JOSÉ BARREIROS



Ex Libris
Marquis de Faria



11.674

EXPOSIÇÃO VERIDICA, E SINCERA

DAS

RAZOENS, E IMPOSSIBILIDADES QUE PROVAO

A. S. A. R.

O PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL, E A TODA A NAÇÃO,

A FALCIDADE DO FACTO, E DEPOIMENTOS DAS TESTEMUNHAS,

QUE JURARAÔ CONTRA

FORTUNATO JOSE BARREIROS.

SOBRE ter elle sido o autor da desgraça do castello d'Almeida, e entrega desta praça ás tropas Francezas, no mez d'agosto de 1810.

OBRA muito interessante, et curiosa por se mostrar nella, 1.º que precauções se tomárao em Portugal, para evitar a communicação com os Francezes, depois da sahida de exercito commandado pelo marechal Sult; 2.º quando, e como entrou o exercito commandado pelo marechal Massena, investio, atacou, e tomou Almeida; 3.º como se achava esta praça disposta para a defenza, que guarnição tinha, e como se fez o serviço no tempo do sitio; 4.º como foi pedida, capitulou, e se rendeo; 5.º huma descripção militar da praça d'Almeida, e do seu castello, antes de voár; 6.º hum descripção respectiva aos deveres de hum commandante d'artilheria em huma praça de guerra em tempo de sitio; 7.º huma analyse á sentença, e muitas outras particularidades dignas do serem conhecidas por todos os Portuguezes, podendo servir de instrucção a huns, e de recreação a outros.

OFFERECIDA á NAÇÃO PORTUGUEZA

Por F. J. B.

A BOURGES,

DE L'IMPRIMERIE DE J. B. C. SOUCHOIS, IMPRIMEUR
DE LA PRÉFECTURE, RUE JACQUES-CŒUR. 1815.



ADVERTENCIAS.

PRIMEIRA.

As faltas d'orthographia, que se achão no todo desta exposição, devem merecer desculpa, atendendo a que o Impresor não conhece alingoa Portugueza, e que apesar dos cuidados do escritor nunca se podêraõ evitar inteiramente.

SEGUNDA.

Naõ podendo nós apresentar nesta exposição, a descripção dos successos militares, naquella mesma ordem em que os apresentamos sobre o titulo, por nos ter sido mais conveniente, para preencher o fim a que nos propuzemos, mencionalos n'huma ordem bem differente, com tudo para que tambem se possaõ ver na sobredita maneira, dâmos o index seguinte, por meio doqual se acharaõ os sobreditos artigos na ordem assima indicada.

INDEX.

	PAG.
1.º Precauções que se tomárao em Portugal para evitar a communicação com os Francezes.	2.
2.º Quando, e como entrou o exercito commandado pelo ma- rechal Massena.	3, 23, 44.
Investio.	3.
Atacou	7, 51.
Tomou Ameida.	30.
3.º Como se achava esta praça disposta para a defesa. . . .	22, 23, 49, 63.
Que guarnição tinha.	28.
E como se fez o serviço no tempo do sitio. . . .	3, 20, 23, 27, 51.
4.º Como foi pedida	3, 20, 42, 52, 61.
Capitulou	28, 62.
E se rendeo.	29.
5.º Descripção militar da praça d' Almeida.	24, 27.
E do seu castelo antes de voár.	5, 24.
6.º Descripção respectiva aos deveres de hum commandante d' artilheria em huma praça de guerra em tempo de sitio.	17, 20, 21, 49.
7.º Analyse d' sentença, etc., etc.	16.

PREFAÇÃO.

QUANDO o exercito de Junot entrou em Lisboa, no dia 3o de novembro de 1807, estava Barreiros fazendo construir huma bateria de peças de grosso calibre no terreiro de Belem, debaixo das ordens do general d'artilheria, o cavalheiro Napion.

O embarque de S. A. R. e mais Senhores para o Brasil, e a inesperada novidade dos Francezes levantarem as suas aguias sobre o castelo de Lisboa, no dia 13 de dezembro do mesmo anno, decidio Barreiros a partir immediatamente para Elvas, aonde tinha a sua casa, e não havia Francezes.

Apresentado que foi ao tenente general Miranda Henriquez, no dia 22 do dito mez, este o tomou para as suas ordens, por se achar o commando do forte de Santa Luzia, de que Barreiros hera governador, entregue a hum tenente coronel do regimento de Grana-deiros Provinciaes Espanhoes, que ja nesse tempo se achavaô de guarnição na mesma praça.

No dia 21 de janeiro de 1808, passou Barreiros às ordens do tenente general, de Paula Leite, por este assim o ordenar, como governador em chefe da sobredita praça.

Nodia 11 de março entrárô os Francezes em Elvas, e no dia 16 ordenáraô a Barreiros, que fosse retomar o commando do forte de Santa Luzia, por que os regimentos de Murcia, e Granadeiros Provinciaes Espahoes, deviaô partir para Palmela, e Lisboa, nos dias 17, 18, e 19 como assim succedêo.

Servio Barreiros de baixo das ordens dos Francezes, ate ao dia 13 de setembro, em que sahio do forte, para hir levantar o povo d'Elvas, com os seus Ministros, o Provedor Falcato, eo Juiz de

Fora, Pereira da Silva, como o tinhaõ convencionado desde muito antes, com o general de Badajoz D. José Galluso.

Restituídos todos os Portuguezes ao gozo do seu antigo e ligítimo Soberão, e ao das graças, e honras por elle concedidas, quiz Barreiros, tambem gozar aquellas que lhe correspondiaõ segundo o despacho que o seu Principe lhe havia feito, por decreto de 3 de novembro de 1807, onde o nomeou major aggregado ao 3.º regimento d'artilheria; porem como ja neste tempo se achasse vago o posto de major effectivo, do mesmo regimento, muitos dos officiaes d'elle, para evitar que Barreiros entrasse em effectivo, e por este modo lhes tirasse o accesso a que elles aspiravaõ, não quizerão reconhecer a soberana authoridade do seu Principe, na nomeação de Barreiros, e apresentação da sua patente em 21 de novembro de 1808, recusando, e obrigando-o a que se justeficasse primeiro n'hum conselho de guerra, de não ter sido partidista dos Francezes.

Quiz o acazo que neste mesmo tempo, e occasião se publicasse em Elvas, o diario de Badajoz, a pag 57, e que por elle se conhecesse, que Barreiros, tinha obrado bem pelo contrario do que os seus inimigos desejavaõ: Perdidas as esperanças por esta parte, tratáraõ elles então des lhes inventar novas faltas e culpas, para com ellas o injuriarem e perseguirem de novo, a fim que se lhes não frustrasse o seu projecto, de lhe embaraçarem a entrada no regimento.

Provou Barreiros a sua innocência, e as falças accusações destes seus inimigos, perante hum conselho de guerra em Lisboa, aonde foi julgado innocente, e mandado entrar nas funções do seu posto; porem por hum motivo que nós ainda hoje ignoramos, Barreiros foi remetido e entregue, com o mesmo conselho de guerra, a huma commição especial da Relação, pela qual, como no conselho de guerra, tambem foi julgado innocente, e mandado soltar das prisões do castelo de Lisboa, onde esteve hum anno, para ir ter a competente reintegração no seu posto militar.

Quando Barreiros pensava, em consequencia daquellas sentenças, ser restituído ao seu regimento, e ao centro da sua familia a Elvas, para a hi gozar com satisfação o fruto de mais de 31 annos de trabalhos no serviço militar, foi-lhe dito pelo Exellentissimo D. Miguel Pereira Frojas, que elle hia ser empregado em parte onde a nação tinha precisação dos seus conhecimentos artilheiros: esta noticia não tardou em ter a sua inteira execucao, por que em poucos dias recebeo Barreiros ordem (em data de 14 d'abril de 1810), para sem perca de tempo passar de Lisboa, a Almeida para a hi commandar a artilheria desta praça, com determinação posetiva de fazer o seu caminho por Coimbra, e a hi receber as ordens do Exellentissimo marechal Beresford.

Barreiros precisava passar por Elvas, para ali se fornecer de cousas indispensaveis, e arranjar os negocios do seu particular; para isto, pediu licença ao Ministro da Guerra, foi lhe recusada, e novamente ordenado por este, de partir, e passar por Coimbra: Barreiros obedeceo, passou por esta Cidade, apresentou-se ao ajudante general Mozinho, e entrou em Almeida em 29 do mesmo mez.

Naô sendo do nosso projecto demonstrar, se foi ou naô o bem do serviço de S. A. R., quem exigio aquelle sacrificio de Barreiros, nem por que motivo lhe foi prohibido voltar a Elvas, nem o por que depois de estar em Almeida, foi mudado no mesmo posto, do 3.º para o 4.º regimento d'artilheria, sem que elle o pedisse, ou isto lhe fizesse conta, vamos taô somente tratar e provar, que Barreiros nunca trahio a sua patria, nem deu occasiao a que por principio algum se devesse dizer, que elle espalhou polvora, ou formou hum rastilho para que os Francezes podessem dirigir sobre elle as suas bombas, a fim de se meter o fogo ao grande armazem d'Almeida, e em consequencia da sua explosao, seguir-se a entrega da mesma praça, vamos provar, que depois que Barreiros entrou em Almeida, a hi soube, como hera da sua obrigação, satisfazer a todos os deveres do seu exercicio, e que foi sem razaô alguma, que seis mezes e meio depois da entrega daquella praça, se lhe formou

calumniosamente em Lisboa, hum crime, pelo qual foi julgado, e sentenciado como se verdadeiramente elle tivera sido o motor da desgraça daquella praça.

Na exposiçãõ, veridica e sincera, que temos a honra d'apresentar aos olhos do publico, naõ só mostrâmos a impossibilidade de se ter podido tratar de hum tal projecto, e aquella de se ter podido meter em execuçãõ; mas ao mesmo tempo apresentamos a copea da sentença, que se publicou contra Barreiros, aqual tendo por origem a suspeita de huma testemunha, a desconfiança d'outra, e a persuaçãõ de outra, teve por consequencia a completa demonstraçãõ de hum crime de lesa magestade de primeira cabeça; porem como tambem apresentamos a analyse a esta sentença, e as respostas feitas a cada huma das differentes deposiçoens das testemunhas que jurârão contra Barreiros, e provâmos a falcidade das mesmas deposiçoens, que serviraõ de base para se formar hum taõ horroroso crime, julgâmos, ávista desta verdade, que sendo conhecida a sua innocencia, deixará elle de ser criminoso no conceito dos seus juizes, sera mais bem acreditado na sua naçãõ, eos seus serviços seraõ mais agradaveis aos olhos do seu Soberano,

EXPOSIÇÃO VERIDICA, E SINCERA

DAS

RAZOENS, E IMPOSSIBILIDADES QUE PROVAÕ

A. S. A. R.

O PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL, E A TODA A NAÇÃO,

A FALCIDADE DO FACTO, E DEPOIMENTOS DAS TESTEMUNHAS

QUE JURÁRAÕ CONTRA

FORTUNATO JOSE BARREIROS.

DE todos os tempos, a inveja tem produzido a entriga, esta a calumnia, e todas a destruição da raça humana; não isentando de serem victimas da sua maldade, o primeiro dos soberanos, ou o ultimo dos vasallos, e de fazer que o inocente, como o culpado, monte sobre o cadafalço oprimido d'injúrias, e outros distinctivos proprios do criminoso consumado: hé assim, e por aquella razaõ, que Barreiros se nos apresenta, entre o numero destes inocentes, accusado, e sentenciado como reo de crime de lesa magestade de primeira cabeça, e alta traição, por ter sido o author da desgraça do castelo d'Almeida, e entrega desta praça, ao exercito francez, no mez d'agosto de 1810.

Todos os magistrados, toda a nação portugueza, e o mundo inteiro tem visto, e está hoje instruido do processo, e sentença de Barreiros: este processo visto de toda essa immensidade de gentes, existe ainda sem que ninguem se tenha deliberado examinar sobre que pontos foi fundada aquella sentença; nem mesmo os sabios, e rectos Juizis que o sentenciáraõ, balançaraõ hum momento sobre se devia, ou não ser ella

decretada, tal qual existe impressa e espalhada entre todas as nações da Europa. O temor que todos os Portuguezes tinhaõ de ser olhados como partidistas dos Francezes, ou daquelles sobre quem desgraçadamente havia cahido huma tal mancha, fez que ninguem ousasse apontar cousa que fosse em beneficio de similhautes, e desgraçadas pessoas, e assim passou o tempo, espalhou-se a noticia, e hoje todos estaõ capacitados que Barreiros, foi o author da catastrophe do castelo d'Almeida. Felizmente veio a páz, abrio-se a communicacão entre as nações, e a publicidade da sentença, chegou por fim a noticia de Barreiros, no mez de novembro de 1814, que inocente, e admirado de tal procedimento, fez quanto pôde por obter aquelle papel, o qual vio, e lêo pela primera vez, no dia 8 de dezembro do mesmo anno, e entaõ resolvendo-se pela força da razaõ, e do seu character, tomou a deliberação de não deixar impune huma alcivosia que o denigre para todos os tempos: se os sabios Juizes não balançaraõ hum momento para decretar aquella sentença, contra Barreiros, tambem elle não balançou hum instante para se decidir a fazer conhecer por todos os meios, a falsidade daquellas accusações, e guiado somente pela sua inocencia, e razaõ, sem se meter em regras de direito em que não fez a sua profissão, e sem se embaraçar mais que em expôr a verdade sincera, fez traçar a sua defesa, tal qual hum homem a pode confeçar ao mesmo deos: não duvidando que aquelles mesmos Juizes, que o sentenciáraõ como reo de hum crime taõ atroz, ouvindo sem repugnancia a sua exposiçãõ, e provas, de que foraõ falços os depoimentos das testemunhas, seraõ os primeiros a fazer publicar a sua inocencia, graça que elle lhe supplica, e espera, confiado na sua recta justicia.

Para Barreiros cometer o crime de que foi acusado, hera preciso primeiramente ter-se communicado com os Francezes: *primeira impossibilidade.*

Para se espalhar a polvora, sobre aqual os Francezes pudessem dirigir as suas bombas, afim de meter o fogo ao armazem do castelo, seria preciso primeiro, ter-se determinado o dia, e hora, e indicado o lugar, e posiçãõ em que ella deveria ser espalhada, para entaõ se dirigir o fogo sobre ella: *segunda impossibilidade.*

Razoens que provaõ que Barreiros não podia corresponder-se com os Francezes, para ajustar a destruiçãõ do castelo d'Almeida.

DEPOIS que o exercito francez commandado pelo marechal Sult, foi obrigado sahir de Portugal, no mez de maio de 1809, redobrarãõ-se de tal maneira as precauções, para evitar a communicacão com os Francezes, que nem pelo interior, nem sobre a fronteira do reino, se podia tranzitar sem ser examinado por militares, justicas,

ordenanças, e paisanos que de todos desconfiavaô, e a ninguem deixavaô passar sem sofrer primeiro hum rigoroso exame, e estarem convencidos de que naô havia nada de suspeito.

Quando estas disposiçoens se achavaô estabelecidas, e postas em pratica com o maior rigor, foi Barreiros mandado commandar a artilheria da praça d'Almeida, onde entrou pela primeira vez, no dia 29 d'abril de 1810; e ficou debaixo das ordens do brigadeiro inglez Guilherme Cox, que sendo chefe do regimento d'infanteria n.º 24, que ali se achava de guarnição, commandava ao mesmo tempo a praça como primeiro governador della.

Ja neste tempo se achavaô sobre a fronteira d'Espanha, hum corpo de tropas inglezas, e portuguezas, postado entre Almeida, e Cidade Rodrigo, debaixo do commando do general Crawford, e hum outro corpo d'Espanhoes, debaixo do commando do general Carreira, os quaes corpos cuidadosamente vigiavaô sobre tudo quanto vinha da parte dos Francezes, ou sahia de Portugal. Nestas circumstancias como poderiaô os Francezes abrir huma correspondencia com Barreiros, nem este poder-lhes dar as suas noticias, sem que recahisse a nota de negligencia sôbre os generaes Crawford, e Carreira, que commandavaô os corpos sobre a fronteira, por naô terem feito os seus deveres, examinando quem entrava e sahia no reino: esta mesma nota seria imperdoavel ao brigadeiro Cox, por naô examinar quem entrava, e sahia na praça do seu commando, n'hum tempo em que os Francezes se achavaô sobre a fronteira de Portugal; porem como estou certo, que ninguem acusará estes generaes de negligentes, por ser constante quanto elles se enpenháraô no cumprimento dos seus deveres, temos por consequencia, que sendo impossivel a communicação entre os Francezes, e Barreiros, tambem foi impossivel ter-se tratado sobre a destruição do castelo d'Almeida, durante que aquelles corpos estiveraô sobre a fronteira.

Decidida que foi a rendição de Cidade Rodrigo, em 10 de Julho de 1810, prepararaô-se os Francezes para penetrar em Portugal; fizeraô estes hum movimento sobre a sua fronteira no dia 21, desalojaraô o corpo de Crawford, e obrigaraô-o a que se fosse postar junto a Almeida, de baixo da protecção d'artilheria desta praça: no dia 24 atacáraô os Francezes o corpo de Crawford, arrolaraô-o a outra banda do Côa, e invistiraô Almeida. Se até entaô esteve a communicação desta praça, de tal maneira cortada entre os Francezes, e Portuguezes, que nunca aquelles puderaô saber quem governava Almeida, como se provou pela carta que Loison escrevêo ao seu governador, no mesmo dia 24 de julho, quando lhe pedio a praça, julgando que hera hum Portuguez, quem a governava, como poderiaô os Francezes despois da praça investida, ter noticias de Barreiros, estando ja as portas fechadas, dobradas as sentinelas, rondas, e patrulhas por toda a parte, e tomadas as mais exactas medidas de precaução para que ninguem se lhe aproximasse, ou sahisse della, e onde o serviço se fazia com aquelle

rigor, e cautelas que se achão determinadas pelas leys, e que deve ter huma praça de guerra, que tem o inimigo a vista : em cujas circumstancias julgo que ninguem se atreverá a acusar a guarnição d'Almeida, nem o seu governador de negligencia, pois que todos comprirão com os seus deveres : em consequencia do que posso tambem assegurar, ter sido impossivel a correspondencia entre Barreiros, e os Francezes, depois do investimento da praça ; logo segue-se a impossibilidade de se ter tratado sobre a destruição do castelo.

Alem das razoes que acabo d'expôr, temos ainda outras de não menor consideração, as quaes sós por si, seriaõ bastante para se não poder ter effectuado semelhante projecto, mesmo quando se houvesse intentado, e vem a ser : Suponhamos que os Francezes tinhaõ sabido que Barreiros havia entrado em Almeida, para a hi commandar a artilheria da praça ; como poderia elles adivinhar se elle quereria ser do seu partido, e adoptar o plano de fazer voár o armazem ? Para terem acertesa dos seus sentimentos, seria preciso propôr-lhe atração, e haver quem tivesse a coragem de o ir sondar, e querer-se arriscar a entrar em Almeida, a tratar d'hum tal assumpto.

Suponhamos, que tinhaõ tido quem fielmente se quizesse arriscar a ir a Almeida, e que se vencia sem difficuldade communicar-se o negocio a Barreiros : ex-aqui se nos offeressem agora novas difficuldades. Como poderia Barreiros aceitar a proposta, sem temer que isto fosse huma invenção dos Portuguezes, ou dos Inglezes, para lhes conhecerem a sua fidelidade ? (1) Suponhamos ainda, que com a proposta vinhaõ todas as provas necessarias para tirar a desconfiança de ser huma experiencia dos Portuguezes, ou dos Inglezes ; como poderia Barreiros, saber que ella não havia ja sido conhecida, e descoberta na passagem da fronteira, ou na entrada da praça, por aquelles generaes commandantes, e que estes para examinareem bem o sentimento de Barreiros, não tivessem obrado, como dizem os Inglezes, que obrou o marechal Beresford, para descobrir a conspiração de Lisboa, de que fazem menção os mesmos Inglezes, (2) inviando-lhe a proposta com todas as cautelas, afim que lhe fosse entregue sem meios de desconfiança, e se pudesse por esta forma obter a resposta, para depois se proceder em consequencia della ? Ou mesmo quem poderia assegurar a Barreiros, que a resposta não poderia ser descoberta na volta do encarregado, e elle ficar perdido sem remição ?

Todas estas circumstancias d'impossibilidade para haver huma qualquer communicação entre Barreiros, e os Francezes, fazem bem conhecer que o projecto de se fazer

(1) Barreiros tinha razoes para desconfiar de todo o mundo, pois acabava de sahir das prisoes do castelo de Lisboa, onde esteve hum anno por falsas accusações, de que justificou a sua innocencia. Veja-se a Gazeta de Lisboa, de 5 de março de 1810.

(2) Gazette nationale ou le Moniteur universel, N^o 300, du samedi 27 octobre 1810. Extérieur. Angleterre. Londres, le 20 octobre.

voár o armazem do castelo d'Almeida, nunca teve lugar, nem pelo menos foi pensado; porem como temos ainda outras razoes mais fortes com que provar a falcidade daquella accusação, vamos a tratar dellas nos artigos que se seguem.

Razoes que prova a impossibilidade de se poder estabelecer hum rastilho de polvora, para fazer voár o armazem d'Almeida, e determinar o dia, hora, lugar, e posição en que elle devia ser estabelecido.

Para se fazer huma ideia exacta das impossibilidades, que se encontrariaõ em espalhar a polvora, em qualquer ponto, ou posição do castelo d'Almeida, he indispensavel haver o conhecimento da construcção, posição, e cautelas que effectivamente havia neste castelo; e para que se não julgue possivel o poderem os Francezes determinar o dia, e hora em que deviaõ romper o fogo contra a praça, tambem apontarei algumas razoes que provaõ a impossibilidade desta determinação, á vista do que se conhecerá, que não sendo possivel espalhar-se a polvora, nem determinar-se o dia, e hora em que se devia romper o fogo sobre ella, fica provada a falcidade da quella accusação.

Simples, e breve descripção do Castelo.

Hera o castelo d'Almeida, hum pequeno reducto, e antiga fortificação, de figura quadrangular, com quatro torres redondas nos seus angulos, circulado de largo, e profundo fosso, com contraescarpe revestida de pedra de cantaria da mesma qualidade, que os seus grossos, e altos muros, com huma unica, e grande porta no meio do lado que olhava ao Norte, para onde se entrava passando por cima de huma ponte de madeira, que atravessava o seu fosso, e se fechava com duas grossas, e resistentes portas, huma no principio, outra no fim da mesma ponte, á vista das quaes estava huma sentinela effectiva, e o seu corpo de guarda postado a vinte passos de distancia da quella entrada, do qual sahiaõ outras sentinelas, que tambem havia sobre as explanadas do castelo, sempre rondantes em torno do mesmo castelo.

Hera o interior deste castelo, unicamente occupado com varios armazens, onde se guardavaõ corpos inflamaveis, combustiveis, armas, ferramentas, etc., etc., formando no seu meio hum pateo de figura rectangular de huma superficie de 62 a 64 toesas quadradas, quase todo elle occupado por pilhas de balas, bombas, e granadas de bem diferentes calibres, como deposito geral destes corpos. Junto ao lado que olhava a Oeste, havia hum grande, e mal construido armazem de polvora, circulado em parte por huma parede que formava hum recinto proprio para embaraçar a accessibilidade ás paredes do mesmo armazem; tinha este duas portas, huma na parede do

recinto, e outra na parede do mesmo armazem, a qual distava da entrada da ponte de 45, a 50 passos ao mais.

Servia este castelo como armazem geral da praça, onde ninguem entrava sem licença, mesmo na quellas horas do dia em que se achava aberto para se fazer entrar ou sair dos seus armazens alguns generos precisos, ou mesmo para outros diferentes serviços.

Como o castelo d'Almeida, hera puramente hum edificio militar, abria-se, e fechava-se ás mesmas horas que o trem, laboratorios, e mais trabalhos da praça, que poderião ter dependencia daquelles generos, ou ferramentas contidas nos seus armazens, e por isso hera obrigado o seu almoxarife, e fieis destes armazens, a estarem no castelo, e a existirem dentro d'elle todo o tempo que se conservava aberto, para poderem fazer as entregas, e recibimentos necessarios conforme as ordens estabelecidas.

As chaves das portas do castelo, assim como aquellas de todos os armazens, estavaõ em poder do almoxarife, o qual hera obrigado a ir abri-lo, e fechalo as horas determinadas para o começo e despedida de todos os outros trabalhos militares; porem a chave do armazem da polvora, estava em poder do governador, o qual a não largava de si, que no momento, que elle ordenava abrissem o armazem, e neste caso entãõ mandava sempre hum official de sua confiança para presidir aõ abrir e fechar das portas, e lhe ser responsavel da entrega, ou restituição da quella chave.

Achava-se o castelo d'Almeida, situado n'humã posiçãõ a mais elevada de toda a praça; porem separado inteiramente da sua fortificaçãõ, á qual não podia servir em nada para augmentar, ou diminuir a sua resistencia.

Em frente da sua ponte, na distancia de 15 passos estava a porta travessa da igreja matriz da villa, á direita da quella ponte em distancia de 20 passos, o seu corpo de guarda, e á esquerda mesmo sobre a contraescarpa, duas grandes casas que serviaõ de quarteis aos artilheiros; em fasce de todos estes edificios, havia humã frente de muitas casas occupadas por diferentes familias, as quaes, por lhes ser a passagem entre a matriz, e a ponte do castelo o caminho mais curto para sair daquellas posiçoens faziaõ por ali (assim como todas as mais gentes) a sua effectiva passagem, de maneira que em todo o dia continuamente havia gente na quelle transito, e sobre o pequeno largo comprehendido entre aquellas casas, e a frente do castelo, o que foi causa que no momento da explosãõ morressem todos os que se achavaõ nelle, assim como no corpo de guarda, e quartel dos artilheiros: do que facilmente se conclue, á vista da sua construcão, posiçãõ, e cautelas com que sempre se achava aquelle castelo, quanto dificultoso seria estabelecer-se hum rasilho desde o seu armazem até fora deste; mas como mesmo assim pode ser se supõha, que todos os obstaculos seriaõ venciveis, fazendo-se-lhe a diligencia, vamos agora analysar, ou apontar as dificuldades que mostraõ mais evidentemente a impossibilidade daquelle facto.

O rastilho não podia ser estabelecido durante a noite, porque o castelo estava sempre fechado, logo deveria ser estabelecido durante o dia; porem o fogo dos Francezes, rompeo-se pela manhaa, tempo em que Barreiros se achava no baluarte de S. Pedro, que foi o atacado, desde antes d'amanhecer, em companhia do governador Cox, do tenente Guttheres, e de toda a guarnição do mesmo baluarte, donde não sahio se não depois das dés horas da mesma manhaa : logo o rastilho não podia ser estabelecido, que depois que elle sahio deste baluarte.

A grande quantidade de balas, e bombas, que as baterias francezas lançárao em todos os pontos da praça, durante as primeiras quatro horas do ataque, fez que todos os habitantes e militares que não estavao de serviço, se refugiassem ao castelo, e áquelles abovedados mais proximos a cada hum, abandonando assim as suas casas e moradas, para se salvarem em lugares onde pençavao não correr tanto risco, e ex-o-porque nos armazens do castelo, se desgraçarao tantas pessoas, que alli se haviaõ refugiado, as quaes em todo o dia não parárao de entrar, e sahir a buscar o que no seu novo domicilio se lhes fazia indispençavel : se até as dés horas do dia, o rastilho ainda não estava feito, como se poderia elle fazer ao depois, diante de tantas gentes que individamente ali se haviaõ recolhido em todas os seus armazens ?

Como poderia Barreiros obter do governador Cox, que lhe mandasse abrir o armazem da polvora, n'huma occasiaõ em que as bombas cahiaõ por toda a parte sem distincão, e que este mesmo governador, quisesse consentir em que o armazem se abrisse n'huma occasiaõ tão critica e perigosa ?

Suponhamos que o governador concentia na proposta de Barreiros, e que este tinha obtido a abertura do armazem na hora que mais lhe accomodasse, como se poderá conceber que o almoxarife, e o official encarregado da chave do governador, e todas as mais gentes que ali tivessem hido em serviço, estivessem cêgos, para não verem estabelecer o rastilho ?

Como seria possivel estabelecer-se hum rastilho de polvora, durante o dia, n'hum lugar tão publico como hera o pateo do castelo, em huma occasiaõ em que entravaõ e sahiaõ tantas gentes delle, humas a refugiarem-se nos seus armazens, e outras a buscarem provisoens para differentes applicaçoes, sem que fosse immediatamente conhecido, e desmanchado, e o seu author descoberto, e perdido ?

Como se poderia estabelecer hum rastilho de polvora, n'hum lugar tão publico á vista de huma guarda, sua sentinela, e mais de 80 pessoas de differentes familias, classes, e idades que estavaõ dentro do mesmo castelo, e seus armazens, (os quaes todos morrerão queimados) sem que fosse apercebido por estas gentes ?

Como se poderá crer, que hum homem fosse capaz de fazer hum rastilho de polvora, para ser incendiado pelas bombas inimigas, e que se atrevesse a formar

este rastilho n'hum tempo em que ellas cahião por toda a parte, sem temer que a cahida de huma bomba, o pudesse fazer desaparecer, com o armazem, ou que aquellas mesmas gentes, conhecendo o seu intento, o descobrissem, e o accusassem como author de huma tal maldade, fazendo-o logo prender, ou declarando-o durante todo o tempo que existiraõ dentro daquella praça?

Como se poderia fazer hum rastilho de polvora, sahindo pela porta do armazem até hum certo ponto fora delle, de maneira que fosse invisivel aos individuos da praça, e que os Francezes conhecessem o lugar onde elle se achava, que direcção seguia, e que comprimento tinha, afim de poderem dirigir as suas bombas sobre elle?

Estas, e outras muitas razoes que ainda se podião apontar, provaõ a impossibilidade de se ter podido estabelecer aquelle rastilho, e por consequencia ser falsa a accusação.

A difficuldade de se poder determinar o dia, e hora em que se deveria romper o fogo contra a praça, para nessa occasião estar prompto o rastilho, tambem hé hum ponto digno d'atenção, pela incertesa que todo o sitiante tem, dos progressos com que poderá conduzir os seus trabalhos.

Naõ obstante achar-se marcado nas diversas obras que trataõ do ataque das praças, o numero de dias que se devem empregar nos differentes trabalhos, desde a abertura da trincheira até a rendição da praça, com tudo, tambem se marcaõ alguns dias para as differenças, e variações que occorrem, e põem em duvida qual sera ao justo, o dia da sua rendição.

Sabe-se pela experiencia quantos dias se devem gastar, desde a abertura da trincheira, até ao estabelecimento das primeiras baterias, etc; porem isto he sempre na suposição de que os trabalhos do sitiante, naõ são interrompidos, nem desmanchados pelas sortidas, e fogos da praça, porque á proporção que a praça os embaraça, se alonga o tempo do sitio, e tambem o da rendição, e quando ha hum exercito de socorro, que se julga em estado de fazer levantar o sitio, ou de incommodar os seus trabalhos, então he mais que impossivel determinar o dia, em que o fogo das baterias do sitiante, deve começar a bater a praça; do que se segue, que naõ sabendo os Francezes, se Almeida faria grandes sortidas, se a praça faria fogos que embaraçassem a velocidade dos seus trabalhos, naõ conhecendo se a intenção do duque Wellington, que estava a vista com o seu exercito de socorro, seria de fazer esforços para demorar o sitio, ou mesmo para o fazer levantar, hera-lhes impossivel determinar o dia, e hora em que romperiaõ o seu fogo contra a praça, e por consequencia tambem se naõ poderia determinar a construcção do imaginado rastilho; e como isto naõ hera hum trabalho que pudesse estar feito d'antemaõ, esperando a occasião de cahirem as bombas, para o abraçarem, seguesse naõ ter havido tal rastilho, e ser falsa

a accusação; porem como , não obstante estas provas de impossibilidade, para se poder ter feito tal rastilho, pode muito bem haver ainda quem creia, que com efeito o rastilho existio, e que huma bomba cahida sobre elle, lhe meteo o fogo, e fez vóar o armazem, e castello com tudo quanto tinha dentro, vamos expor novas razoes, que provaão a impossibilidade de fazer cahir determinadamente huma bomba sobre o rastilho.

Razoes que provaão a impossibilidade de lançar huma bomba determinadamente no pateo do castello, sobre a posição do rastilho.

Todos os bombeiros, e militares instruidos, sabem que a balistica, ou arte de lançar bombas, se apoya sobre o conhecimento de tres pontos essenciaes (elevação do morteiro, sua carga, e distancia da bateria ao lugar aonde cahe a bomba), e que sem o conhecimento, e combinaçãõ destes pontos, que formão a base daquella arte, jamais se poderaõ ajustar aproximativamente os tiros, para obter hum fim que se projecte: todos sabem que o conhecimento destes tres pontos, se obtem pelo tiro de norma, e que depois, sendo constante hum delles, e dado outro, se conhece o terceiro, por exemplo:

$$\text{Sendo constante a} \left\{ \begin{array}{l} \text{Elevação do morteiro, e dada a} \left\{ \begin{array}{l} \text{Carga, acha-se a distancia} \\ \text{Distancia, acha-se a carga.} \end{array} \right. \\ \text{Carga do morteiro, e dada a} \left\{ \begin{array}{l} \text{Elevação, acha-se a distancia.} \\ \text{Distancia, acha-se a elevação} \end{array} \right. \\ \text{Distancia, ou alcance, e dada a} \left\{ \begin{array}{l} \text{Carga, acha-se a elevação.} \\ \text{Elevação, acha-se a carga.} \end{array} \right. \end{array} \right.$$

Porem quando se tem hum ponto a bater, n'huma posição oculta a bateria, e que se ignora a distancia que ha entre aquelle ponto, e a bateria, hé hum problema impossivel a resolver.

Este he o estado em que se achava o suposto rastilho d'Almeida, a respeito das baterias francezas, que a bombeáraõ no mez d'agosto de 1810, pois que mesmo existindo elle, não podia ser visto das baterias do sitiante, nem se podia saber em que distancia se achava dellas, se não por meio d'operaçoens trigonometricas, que neste caso não tinhaõ lugar.

Para se lançar huma bomba determinadamente sobre qualquer ponto, he preciso primeiro conhecer, pelo tiro de norma, se este ponto está dentro do alcance possivel da carga d'experiencia, e depois ter pontos fixos para dar a direcção ao morteiro, com a elevação conveniente. Segundo estes principios, ou base da balistica, temos como impossivel a qualquer bombeiro, poder conhecera elevação que deveria dar ao seu morteiro, para lançar positivamente huma bomba no pateo do castello d'Almeida, quando

elle ignorasse a distancia que havia entre a bateria, e o ponto onde devia mandar a bomba; porem suponhamos por hum pouco, que esta distancia lhe hera conhecida, e que podia a hi mandar a sua bomba, naõ sabendo elle se o rastilho sahindo da porta do armazem, tomava á direita ou á esquerda da quella sahida, como poderia elle dirigir a bomba sobre a posiçaõdo rastilho?

Suponhamos tambem que a posiçaõ do rastilho lhe hera conhecida, e que tinha pontos, ou bandeirolas para dirigir o seu morteiro sobre elle, estar-se-hia por isto seguro, que a bomba cahiria sobre o rastilho?

Em fim suponhamos ainda mais, que a bomba sahia do morteiro tambem dirigida, e obediente ao que se pretendia, que hia cahir sobre o mesmo rastilho, e que a hi rebentava: acaso poderia ella meter o fogo ao rastilho?

Huma bomba quando cahe sobre hum terreno, abre nelle huma cova maior, ou menor, conforme a duresa, e qualidade do terreno chocado, e a quantidade de movimento da mesma bomba; ou o que he o mesmo, forma huma excavaçaõ proporcionada ao producto da massa, pela velocidade, com relaçaõ á duresa e qualidade do terreno: logo temos, que cahindo a bomba sobre o rastilho feito no terreno junto a entrada do armazem d'Almeida, pela qualidade e tenacidade deste terreno, formaria huma excavaçaõ, desmancharia o rastilho, e o involveria na terra levantada da mesma excavaçaõ, e por esta forma embaraçaria que a polvora pudesse pegar fogo, e assim ficaria o rastilho de nem hum efeito: logo de que servia ter hum rastilho, e ter a certeza de que a bomba havia cahir em sima d'elle, se naõ podia produzir o abraçamento do armazem? Alem disto temos, que raras vezes rebenta huma bomba no momento em que choca o chaõ, e que raras vezes fica quieta sobre o primeiro ponto chocado, o que dá occasiã a que ella reflecta, ou ricochéte, conforme a reacçaõ, e posiçaõ do plano, que choca; do que se segue tambem, que mesmo quando o bombeiro mandasse a sua bomba sobre o rastilho, para o abraçar, ella naõ rebentaria no mesmo momento do choque, nem ficaria em quietaçaõ sobre elle, como se fosse posta á mã: logo de que servia ter hum rastilho; ter a certeza de que a bomba havia cahir em sima delle, se naõ podia produzir o abraçamento do armazem?

Suponhamos ainda mais, que o bombeiro conhecendo todas estas impossibilidades, e sendo senhor de fazer cahir a sua bomba onde elle quisesse, em lugar de a mandar sobre o rastilho (para que o naõ destruisse com a sua queda), a mandava cahir a huma distancia á sua vontade; poderia elle entaõ obrigar a bomba a que rolasse para sima do rastilho, que parasse sobre elle, e ahi rebentasse, para que lhe mettesse o fogo? Isto ja he huma difficuldade insustentavel; porem suponhamos ainda que a bomba tinha ordem para cahir fora do rastilho; para rolar para sima delle, e para a hi rebentar: acaso poderia ella meter fogo ao rastilho?

Aquelles que nunca viraõ rebentar huma bomba , e que não conhecem como ella obra quando rebenta , cuidaraõ ser huma impossibilidade não se communicar o fogo ao rastilho , rebentando ella , sobre elle ; porem he preciso advertir-lhe , que assim como a bomba , pela sua quantidade de movimento , forma huma excavação , quando cahe sobre hum terreno , assim tambem forma huma outra excavação , quase igual á primeira , no lugar onde rebenta .

As experiencias de Belidor , Lefebvre , etc. , tem mostrado que a polvora , quando se inflama em hum lugar fechado , obra com igual força sobre todos os lados do lugar que a encerra : logo se nós tivermos huma bomba , inteiramente cheia de polvora suspendida , por hum fio , n'altura de 4 ou 5 pés , e que se lhe applique o fogo no seu centro , a inflamação feita por acrescimos exfericos , e successivos , desenvolvendo-se por camadas continuas , e contiguas , chocará ao mesmo tempo , e com igual força , as paredes interiores da bomba , as quaes supostas de igual grossura , e resistencia , seraõ ao mesmo tempo igualmente sacudidas em torno de toda a superficie exferica da bomba , e assim esta reduzida a estilhaços , e estes lançados em differentes direcções , dos quaes aquelles pertencentes á meia bomba inferior , chocaraõ o terreno mais ou menos fortemente , segundo as suas direcções ; e no seu choqué contra o terreno , formaraõ cada hum , huma cova , ou cortadura proporcionada ás suas circumstancias : do que se segue , que se nós puzermos huma outra bomba por terra , carregada , e com as mesmas condições da primeira , os extilhaços da meia bomba inferior , chocando o terreno quase todos no mesmo ponto , cortaraõ tanta terra sobre elle , como , pelo menos , cortaraõ aquelles da primeira bomba ; e como os estilhaços não fiquem quietos ; mas pela reacção , saltão para fora , estes , levando entaõ diante de si todos os corpos , que lhes opõem huma menor resistencia , formão assim a segunda excavação : logo se quando os estilhaços se levantaõ do terreno , levaõ diante de si terra , pedras , etc. ; estas materias levantadas em torno da bomba , envolvêrão o rastilho , que não sendo muito grosso , para não se fazer visivel , bem facilmente ficaria misturado de terra , e por isso não podendo ser abrazado pela flama sahida da bomba , isto he ainda no caso , que a flama seguisse a direcção horisontal , ou qualquer outra direcção por baixo do horisonte ; do que se segue , que o rastilho não poderia ser abrazado pela flama da polvora , ainda que de proposito a bomba tivesse sido posta sobre elle .

Alem disto temos , que não sendo a grossura da bomba , igual em toda ella , nem a carga jamais maior , que a necessaria para a fazer rebentar , por isto a bomba , fica meia vazia ; e como a polvora quando se inflamma dentro de huma bomba , que não está inteiramente cheia , achando hum espaço vazio na sua parte superior faz para a hi a sua primeira dilatação , no momento da sua detonação , e depois encontrando resistencia , reverbera para baixo a reunir-se ás novas forças desenvolvidas nos seguintes momentos , para todas juntas , se são bastantes , abrirem a bomba nas suas

partes superior, lateraes, e inferior em mais ou menos estilhaços, conforme a qualidade do ferro, suas grossuras, e força da polvora inflamada, então esta despois de ter chocado as paredes da bomba, e a hi ter quebrado toda a acção do seu elasterio, obra da mesma forma que a flama de qualquer outro corpo inflamavel, quando se acha livre, e desembaraçada, montando para cima, e nunca descendo para baixo, se não por meio de reverberos : do que se segue, que não havendo alguma causa que faça reverberar a flama da polvora, despois de ter rebentado a bomba, jamais ella poderá descer sobre o rastilho, nem este ser inflamado pela bomba que rebentar sobre elle, salvo se o rastilho for tão grosso que huma parte da bomba se enterre nelle, de modo, que a flama na sua subida o possa encontrar,

A delicadesa com que deveria ter sido feito o rastilho do castelo d'Almeida, para não ser conhecido por todas as gentes que estavaõ nelle, e passavaõ de huus a outros armazens, deveria ser huma cousa de nova invenção, no ramo artilheiro.

Se os mineiros para segurarem os effeitos das suas minas, despois de carregadas, mandaõ fazer as suas salchichas, do diametro de huma polegada, como poderia o imaginado rastilho do castelo d'Almeida, ser tão delgado que não fosse perceptivel, e asegurasse ao mesmô tempo a inflamação que se pertendia ?

Sendo o diametro de tres linhas o menor que os mineiros tem determinado para as salchichas, que se devem empregar para communicar o fogo ás minas, como se poderia lembrar fazer hum rastilho no castelo d'Almeida, que fosse d'huma grossura ainda menor que tres linhas ? Porem suponhamos que se fazia o rastilho da grossura de huma penna d'escrever (para não ser muito perceptivel), e que pricindimos das difficuldades de o estabelecer n'hum terreno tão irregular como a entrada do armazem; que havia tempo para se formarem rampas de terra, nas partes que montavaõ, e desciaõ á maneira de degrãos, como heraõ as soleiras das portas do recinto exterior, e entrada do armazem da polvora; em fim suponhamos que tudo se fazia a medida do desejo : seria elle possivel, que este rastilho de polvora, não fosse visivel a quem quer que se aproximasse delle na distancia de dês ou dose passos ? Suponhamos ainda que elle não hera visto, para ser desmanchado expreçamente, não poderia elle ser desmanchado por acaso pelos pés, ou pelas pontas do capote do fiel que fechasse o armazem, mesmo sem se aperceber disto, e ficar assim cortada a communicação, e inutil o projecto ?

Todos sabem, e senão fação a experiencia como Dulaque, que a polvora inflamada em ar livre, ocupa com a sua flama, no momento da sua detonação, hum espaço de hum diametro oito vezes maior que quando está em graons, logo tendo o rastilho tres linhas de grossura, e sendo cortado pelo pé de hum passante, que tem mais de 24 linhas de largo, ficaria cortada a communicação á inflamação, alem da impossibilidade, de poder ser inflamado o rastilho por huma bomba lançada de huma distancia

distancia de mais de 250 toesas, que tanto havia pelo menos, de qualquer das baterias do sitiante, ao pateo do castelo.

Se o rastilho fosse de 6 linhas de diametro, seria mais visivel, e difficil d'ocultar a quem se aproximasse delle; mas conservaria sempre as mesmas difficuldades para poder ser inflamado; se fosse de hum polegada de largo tanto peor para não ser logo descoberto; porem para se fazer cahir a bomba sobre elle, as difficuldades seriaõ sempre as mesmas; se fosse de hum pé de largo, entãõ ainda hera mais impossivel occultalo a quem estivesse dentro do pateo do castelo; mas mesmo ainda neste caso, qual será o bombeiro que diga ser possivel lançar-se hum bomba de hum bateria distante de 250 toesas, sobre hum rastilho de hum pé de largura, e que cahindo a bomba sobre elle, isto não seja hum cousa devida mais ao accaso, que a hum resultado de principios determinados, mesmo quando a bateria e o rastilho estivessem sobre hum terreno escolhido, nivelado, visivel, e desembaraçado? Estes pontos, que sómente são proprios do conhecimento dos militares instruidos, e dos praticos bombeiros, autorisaõ-nos a avançar a proposição, que não haverá nem hum que tal diga, nem que tal acredite ser possivel; e entãõ sendo isto assim, como se poderia encontrar hum militar que fizesse tal projecto, ou hum bombeiro, que se propuzesse meter hum bomba sobre o rastilho do armazem d'Almeida, n'hum lugar incognito á sua bateria, sem que conhecesse que se hia expôr a hum accaso, e mesmo a dar tempo, a que o rastilho fosse primeiramente apercebido pelas gentes que estavaõ dentro do mesmo castelo?

Acreditar hum cousa tão contraria aos principios estabelecidos pela natureza, e aos conhecimentos praticos de tantas gentes, he querer mudar o dia em noite, e a noite em dia.

Temos demonstrado a falcidade daquelle accusação,

- 1º Pela impossibilidade da correspondencia com os Francezes;
 - 2º Pela impossibilidade de formar aquelle rastilho sem que fosse descoberto;
 - 3º Pela impossibilidade de determinar o dia, hora, lugar, e posição do rastilho;
 - 4º Pela impossibilidade de se poderem dirigir as bombas sobre o rastilho, etc, etc.
- Porem, se com todas estas razoes que acabamos de apontar, ainda não fica bem provada a impossibilidade e falcidade daquelle projecto tão malvado, passaremos a fazelo mais sincivemente, analysando os depoimentos das testemunhas, e respondendo a cada hum delles por huma maneira a mais concisa e clara, para não enfadar, e alongar o tempo, áquelles a quem desejamos fazer conhecer a falcidade do sobre-dito facto.

Se nos pudessemos despençar de tratar sobre huma sentença, que não só horrorisa

pela perda de vida , e mais condiçoens nella expostas , mas mais que tudo , pela perda da honra (bem o mais precioso que o homem possui entre os humanos) , pela nota d'ingrato ao seu soberano , e inimigo da sua propria patria , certamente o fariamos sem repugnancia; porem como he preciso tirar della os depoimentos das testemunhas , para á sua vista se fazer aquella analyse , somos obrigados á sua repetencia na quella parte que respeita ás accusaçoens , pedindo aos Sabios Juizes , a quem as circunstancias e falças informaçoes deraõ bastante motivo para julgarem , e condenarem Barreiros , como Reo de hum crime que espanta a natureza , a que se queiraõ dignar ouvir as suas razoes , poisque em consequencia dellas , podemos esperar , que a mancha que o denigre entre todos os viventes , sera levantada ; o SEU PRINCEPE , melhor informado ; e a sua patria desenganada : façamos-lhe a diligencia para que a verdade appareça , na esperanza de que o resultado sera favoravel ao innocente.

SENTENÇA

RESPECTIVA A BARREIROS,

EXTRAHIDA dos Autos de Portaria , e mais ordens regias processados pela commissão do decreto de vinte e seis de janeiro de 1809 , passada em Lisboa , aos 16 de março de 1810.

Em quanto ao Réo Fortunato José Barreiros: Mostra-se , que achando se destacado na Praça de Alméida na qualidade de Commandante de Artilheria , a quem estava entregue o Commando desta Arma para a sua defeza , esquecendo-se dos seus deveres , e da fidelidade a que estava ligado como Soldado , e Vassalo do mesmo dito Senhor , o fizera tanto pelo contrario , como jura a testemunha Número primeiro do Summario , que carregando as peças de Artilheria com menos polvora de que exigiaõ os seus competentes calibres , não chegavaõ as ballas ao sitio do Moinho de vento , aonde se achava o Exercito Inimigo no primeiro dia em que a Praça foi sitiada; do que desconfiando hum Sargento de Artilheria , e carregando-as com a competente carga , se empregavão com feliz successo os seus tiros no dito Exercito ; razão porque suspeita que a desgraçada explosão da dita praça , fora motivada pelo Réo ; augmentando-se a sua suspeita , porque estando o dito Réo aquartellado em casa de humas mulheres , filhas de hum Julio ; que se acha ao Serviço dos Francezes , que fica junto ao Castelo , víra elle testemunha , meia hora antes da explosão , conduzir o Réo as ditas mulhéres para as Casas matas ; e igual-

mente , porque ouvira dizer que o Réo na ultima vez que fora ao Castello , quebraára hum barril de polvora , e a espalhára com o pretexto de estar podre ; e que sendo mandado com outro Official do Regimento Número vinte e quatro , por nome José Pedro de Mello , como depoem a testemunha Número cento oitenta e oito da Derassa de Inconfidencia , para levar os artigos da Capitulação ao General Francez , não voltára , se não quando entrou nella o dito Exercito , vindo só o dito Official , que com elle tinha hido naquella Commissão , e que despois soubera que elle informára o Inimigo , do estado , e fraqueza em que se achava a praça ; e que succedendo neste tempo dispararem-se duas peças sobre o inimigo , logo este continuára o fogo para aquelle sitio ; crescendo contra o Réo , além destes indícios , o ter sido reprehendido pelo Governador da Praça , pelo seu máo procedimento Militar , o que deo occasião á geral desconfiança , que tinha toda a guarnição de que fora o causador daquella desgraça , como jura a testemunha Número segundo , acrescentando ter elle recebido do Inimigo dez mil cruzados , como lhe dissera Joaquim Sachota , que depondo sobre este facto debaixo do numero oitavo do Summario , declára ser verdadeiro , por ter visto a dita quantia em hum sacco de veludo em sua Casa , e dizer-lhe o Reo João da Gama , que foi quem levou aquelle dinheiro , e o Réo João Reicend , e sua mulher , que todos estarão em sua Casa , que era para o dito Réo , o qual era da Caixa Militar Portugueza , que tinha José Bernardino Pagador , a quem o tinha entregado o administrador Passos , por Ordem do Governador da Praça ; pelo que se persuadia elle dita testemunha , ser o Réo o motor daquella desgraça , crescendo para a sua suspeita , que quando o Réo sahira da Praça na qualidade de Parlamentario , logo ao sahir da mesma dissera : a Deos Almeida , a Deos Portuguezes , eu sou Francez , e sempre o fui ; e que dizendo-lhe Massena que voltasse para a Praça , lhe respondéra : eu não torno mais á praça , senão quando entrarem as Tropas Francezas : O que lhe communicou o sobredito Réo Gama ; o que assim aconteceu ; porque o Réo só tornou para a Praça quando nella entrou o dito Exercito , no qual vinha dando todas as demonstrações de alegria , deitando o chapeo ao ar , em signal do seu contentamento.

Acresce mais contra o Réo , para prova deste delicto , o depoimento da testemunha , Número sexto do mesmo Summario , que chegando elle testemunha á parte esquerda das Portas da Cruz da dita Praça , aonde estava hum Morteiro , e vindo o Réo com o Governador da mesma , e perguntando-lhe se o dito Morteiro estava mettido em bateria , e respondendo-lhe que sim , designando-lhe a bateria Inimiga a que se dirigia , conhecendo o mesmo Governador o contrario , o reprehendéra muito asperamente , prohibindo-o de fazer mais pontaria , sem a sua assistencia ; e porque igualmente ouviu elle testemunha dizer aos Artilheiros , que estando o dito Réo no Trem , dissera , que se os Francezes sou-

bessem que elle alli estava, não atirarião para aquella parte nem hum tiro; e da mesma maneira, que estando elle testemunha na estrada fulça, na occasião em que entrário os Parlamentarios, quando lhe foi a pôr o lenço nos olhos, lhes disse o Réo, que não receassem, porque a Praça havia de estar por tudo, porque não havia já nella com que se servisse a Artilheria; factos estes, que juntos com o ter sido o Réo feito Coronel no Exército Inimigo, como declarou o mencionado Antonio Alvarez de Banho nas suas ditas perguntas, e o ter sido pedido ao General Massena em Alemquer pelo General de Artilheria Deblé, para o acompanhar na expedição que pelo Inimigo se intentara fazer contra a provincia do Alem-Têjo, para o ajudar como Prático da mesma, e das posições de Almada como declara o mesmo Antonio Alvares do Banho, fica plenamente demonstrado ter sido o Réo o Author daquella desgraça e perça da Praça, sendo causa da morte de tantas familias, e a render-se a mesma, que da sua resistencia por mais algum tempo; se segurião tantas vantagens sobre o Inimigo; pêlos quaes factos praticados pelo mesmo Réo, Tanto antecedente, como subseqüentemente á referida explosão, bem se deixa ver que não foi o acaso que a produzio; porem sim a maldade, em que este monstro de iniquidade se desenvolveo.

Quando se forma hum edificio sobre falços alicerces, sempre o resultado he perder-se o tempo, destruirem-se os materiaes, e aniquilar-se a reputação do architecto; semelhantemente deve ser o caso em que nos achamos sobre o crime de Barreiros, que sendo formado sobre falços depoimentos, deve resultar, ficar perdido o tempo, destruidos os meios que se empregárao, e o crime inteiramente desaparecido.

ANALYSE

AS

DIFFERENTES PROPOSIÇÕES DA SENTENÇA.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Em quanto ao Réo Fortunato José Barreiros: Mostra-se, que achando-se destacado na Praça de Almeida na qualidade de Commandante de Artilheria, a quem estava entregue o Commando desta Arma para a sua defeza, esquecendo-se dos seus deveres, e da fidelidade a que estava ligado como Soldado, e Vasallo do mesmo dito Senhor, o fizera tanto pelo contrario, como jura a testemunha Número primeiro do Summario;

RESPOSTA.

R E S P O S T A .

Barreiros tomou posse do commando d'Artilheria da praça d'Almeida, no dia trinta d'abril de 1810, e logo começou por examinar o estado do pessoal, e material desta arma; por ver os armazens, e reconhecer os generos e utensilios nelles contidos; a sua fortificação interior, e exteriormente, observando cada huma das suas partes em particular, e combinando-as entre si, sobre a melhor maneira de se defenderem, segundo os differentes ataques que se lhes podessem fazer; de todas as suas observaçoens deu huma conta verbal ao governador Cox, e por isso este o convidou por vezes a irem juntos ver, e examinar o estado dos objectos que mais interessava; e deu ordem para que no trem, e armazens se lhe facilitassem os meios para o mais prompto serviço; estabeleceu Barreiros escolas d'artilheria, para que os artilheiros, e paisanos que lhes foraõ dados para serventes, apprendessem com exacção o manejo da quella arma; fez examinar, calibrar e classificar todas as balas, bombas, e granadas, e formar dellas pilhas segundo os seus calibres; fez adarmar as balas de chumbo, incaixotadas, e pôlas em arrecadação como convinha; fez mudar, arranjar, e meter em ordem em todos os armazens da praça, os generos, armas, e utensilios, que nelles se achavaõ confundidos, e formou de tudo inventarios particulares, que pôz nos mesmos armazens, e hum geral que deu ao governador Cox; fez concertar e fazer de novo no trem, toda a pelamenta necessaria para o artilhamento de todas as bocas por completo; fez construir novas carretas, para as peças, e cêpos para os morteiros, fez concertar outras, e apromptar cabrilhas, trinquebales, carnequins, bimbaras, padiolas, etc., etc. de que havia huma grande falta para o serviço das baterias: as plataformas foraõ concertadas, ou feitas de novo; os paioes em cada huma das baterias arrançados, forrados, e depois fornecidos a trinta tiros para cada huma das suas respectivas bocas, assim como de tudo o mais que lhes hera necessario para o seu laboramento; formou laboratorios para a construcção dos cartuxos de peça, e espoletas d'ouvido, de que a praça apênas teria para hum dia, onde fez construir 600 cartuxos para cada huma das grossas bocas, e 400 para cada huma das dos menores calibres (a), 1000 espoletas d'estopim para cada peça, e 900 vasadas para cada obuz, ou morteiro, batafogos de composição, tranças de murraõ, lanternetas, tacos, etc, tudo a proporção do que poderia ser preciso para o tempo do sitio. (b)

Ao mesmo tempo que com incançavel zelo se empregava em dirigir os trabalhos dos armazens, e laboratorios, explicando, e fazendo ver com o exemplo, o como se deviaõ praticar, não faltava a ir sobre os terraplenos fazer fornecer as baterias das suas muniçoens, e pelamentas; fazer conduzir ao trem as carretas arruinadas, e sahir

(a) A nota (a) acha-se no fim da exposição, assim como todas as outras, b, c, d, etc.

deste para as baterias, aquellas que estavaô promptas ; vigiar sobre as escolas de manobras de força, e artilheria, e de se applicar, ao calculo e trabalho de huma memoria que apresentou ao governador Cox, assim como de hum inventario geral, onde mostrava, o que se precisava na praça, o que havia nos armazens, e o que faltava para o seu completo fornecimento em estado de sitio (1).

Na memoria que apresentou ao governador Cox, sobre o estado em que achou a praça, considerando-a militarmente, mostrou bem clara, meuda, e distintamente quaes heraô as peças de fortificaçô que elle julgava mais defectuosas, e a maneira de as remediar; que desordem e confusão havia no modo com que a artilheria estava distribuida, e collocada sobre os terraplenos da praça, havendo baluarte, que tinha até oito calibres em bateria, e que elle os desejava reduzir a tres; que alguns dos armazens destinados a conter os generos inflamaveis, não estavaô a prova de bomba, e os que o estavaô, por terem as competentes grossuras nas suas abobedas, e pés direitos, deviaô ser carregados de modo que podessem assim amortecer os choques das bombas lançadas sobre elles, sem o que as abobedas se arruinariaô com muita facilidade; que o grande armazem da polvora, dentro do castelo estava em huma tão indigna posiçô, e hera de huma tão pessima construcçô pela altura dos seus pés direitos, que se deixava ver de todos os pontos circumvizinhos á praça, offerecendo com as duas faces da asna que o cobria, dois planos bem distintos, e conhecidos ao inimigo, sem haver methodo ou maneira de se poder cobrir de corpos capazes de amortecerem o choque das grossas bombas que se mandassem sobre elle, e que por isso a polvora devia ser d'ali mudada, e distribuida em outors lugares separados, e seguros (2); que o hospital e casernas de todas as tropas da guarniçô, não heraô a prova, e que pelas suas posiçoens junto aos terraplenos, seriaô inhabitaveis no tempo do sitio, e ataque; que o trem, sendo hum ajuntamento de cabânas no meio de hum baluarte, só por isto deveria desde logo ser abandonado, e os operarios metidos ao abrigo, em lugares menos expostos; que os fornos e lugares em que se fabricava o paô, continhaô as farinhas, trigos, e lênhas para a tropa, heraô huns telheiros mal reparados, que no primeiro momento do ataque seriaô abandonados, e entregues as chamas pelo incendio das bombas; que os outros armazens de vivres correriaô o mesmo perigo por estarem em casas dos particulares, e em huma igreja nada resistente, e que por consequencia se deveriaô escolher nos abobedados da praça lugares proprios, para se arrecadarem e meter em segurança polvora, e outros generos inflammaveis; formarem-se commodos para se recolherem os doentes, feridos, e outras tropas, e se guardarem os vivres, e foragens; que as fontes fora da praça não se deveria contar com ellas, por que seriaô perdidas, logo que o inimigo

(1) Estes papeis devem existir ainda em Almeida, aonde Barreiros os deitou em poder do sargento Jacinto José do quarto regimento d'artilheria, que lhe servia de secretario.

(2) O governador Cox, nunca pôde descobrir hum lugar seguro para arrecadar aquella polvora.

a investisse, e que assim se deveria ter em cautela e limpeza, a cisterna do castello, e alguns poços dentro da villa; que todas as casas, e paredes das tapadas que estavaõ junto ás explanadas, e dentro do alcance de ponto-embranco d'artilheria, deveriaõ ser demolidas, e derrubadas antes do investissimento da praça, para evitar que o inimigo ali se podesse alojar e estar a coberto dos seus fogos, alem disto disse Barreiros, o modo como a guarnição deveria ser distribuida, e empregada sobre os terraplenos durante o tempo do sitio (c); em que lugares, ou praças se deveriaõ formar as reservas; como distribuidas, e servidas as bombas para acudirem aos incendios, e em geral tratou sobre todos os pontos proprios de huma memoria respectiva á defesa de huma praça, da qual havia huma firme tenção de fazer montar a sua defesa até ao ponto a que Vauban, a pertende no sistema a baluartado, e o seu governador Cox, hera capaz de a chegar, não só pelos seus conhecimentos militares; mas tambem pelo seu valor, e intrepidez.

O zelo, actividade, e conhecimentos d'artilheria com que Barreiros se distinguio desde o primeiro dia em que entrou na praça, fizeraõ-lhe ganhar a confiança da guarnição, e a estima do governador Cox, ao ponto, que este não só lhe consentio a mudança, e nova colocação de todas as peças, e morteiros como elle lhe havia proposto (d), ajudando-o no seu trabalho com as parelhas de mulas pertencentes á brigada volante que naquelle tempo se achava na praça, para que tudo se fizesse, como fez, n'hum momento, e sem confuzaõ; mas até o encarregou de dar o plano mais conveniente para se fortificar o moinho de vento, que o duque Wellington determinou fosse fortificado; o qual plano foi adoptado, e o mesmo Barreiros nomeado para o fazer executar e meter em obra.

Parecerá impossivel que havendo officiaes engenheiros na praça, dignos de toda a contemplação, o governador se quizesse entregar ao parecer e sentimento de hum official d'artilheria, que já se achava encarregado de dirigir, e cuidar de tantos, e tão differentes objectos, augmentando-lhe os seus cuidados com a responsabilidade de outros de não menor importancia, e que Barreiros sempre prompto a todo o serviço, quizesse encarregar-se não só de dar o plano; mas tambem de fazer trabalhar na sua execução, como lhe foi determinado pelo governador Cox.

Se Barreiros não tivesse aceitado, e cumprido com bastante satisfação os serviços de que foi encarregado na praça d'Almeida, não só se teria elle desgostado como brigadeiro Cox; desmentido o credito militar, ganhado em tantas, e tão differentes occasioens, debaixo das vistas de sabios, e respeitaveis generaes, por quem teve a honra de ser empregado; mas mesmo teria feito conhecer ao Excellêntissimo Ministro da guerra, que se havia enganado na proposta que d'elle fez ao Excellêntissimo Marechal Beresford, sobre ser elle capaz de satisfazer os deveres de commandante d'artilheria, n'huma praça, que por momentos se esperava fosse atacada com o maior vigor: Bar-

reiros comprio tanto com as suas obrigações durante todo o tempo que esteve dentro em Almeida, e mostrou tanto o seu empenho na melhor defesa, e conservação daquelle praça, que até no ultimo momento foi encarregado pelo governador, de ir tratar da capitulação, como adiante se vera.

Naõ estava ainda bem concluida a fortificação do moinho de vento, quando as tropas do general Crawford, se vierão postar junto a elle, e então artilhando-o com fôrme o que o governador lhe ordenou, passou (porque a praça foi investida, e se fechou) a empregar-se sómente dentro desta, naquilo que hera relativo ao seu ramo, desenvolvendo quanto pôde os seus conhecimentos sobre a maneira de augmentar as defensas, sem exceder os limites da possibilidade : e assim companheiro effectivo do bravo e valeroso Cox, só se entretinhaõ do que mais convinha ao bem do serviço, hora juntos, hora separados sobre as baterias, fazendo com os seus exemplos que toda a guarnição comprisse com os seus deveres, e que ninguem se queixasse do rigor de hum tal serviço.

O desejo que Barreiros tinha de que se aproveitassem as munições, e empregassem bem os tiros sobre os objectos a que se dirigiaõ, o fez pôr em pratica o hausse de Lombard, mandando fazer no trem, huma porção que elle mesmo graduou, e distribuiu pelas baterias, com huma pequena taboa em que se marcava o numero de linhas d'elevação, que se devia dar a cada huma peça, segundo o que as experiencias haviaõ mostrado, hera bom para por meio dellas se ajustar aos differentes pontos a que se podiaõ dirigir, e para regular os tiros de morteiro e obuz, fez construir quadrantes de madeira que tambem graduou, e distribuiu, assim como pendulos para apontar, e marcar os tempos, serrotes, e facoes para cortar as espoletas de bomba, instrumentos de que não havia nem hum só dentro da praça.

Foi com estas, e outras semelhantes precauções que Barreiros fez servir as baterias pelo espaço de 34 dias, que a praça esteve sitiada, e fazendo fogo sobre o inimigo : se elle, durante tantos tempos tivesse tido a desgraça de faltar ao mais pequeno ponto dos seus deveres, como deixaria o recto governador Cox, de o castigar, depôr, ou dar conta ao duque Wellington das suas faltas por via do telegrapho, que effectivamente trabalhava, e por fim como seria elle admitido com os officiaes superiores (1) que foraõ chamados na manhaa do dia 27, para votarem sobre se a praça se devia ou não entregar, como a pedia o primeiro parlamentar que entrou nella (e), e depois como seria elle nomeado, e autorizado diante de toda a guarnição para ir ao campo tratar da capitulação ? Isto implica, e prova bem, que nem a guarnição nem o governador, estavaõ descontentes de Barreiros, e que os depoimentos das testemunhas são falços, e as suas susceitas sem fundamento.

(1) O Tenente Rey, os Coroneis de milicias d'Arganil, Trancoso, e Guarda, o Tenente Coronel do 24º, o Tenente Coronel da praça, etc.

Ex a maneira com que Barreiros servio na praça d'Almeida, durante todo o tempo que ali commandou a sua artilheria : que seria o artilheiro capaz de fazer mais, no espaço de dois mezes e meio, que tanto se passou desde que elle entrou naquelle praça, até que ella foi investida ? E depois durante o sitio, e ataque, quem he que se empenhou mais, e esteve sempre nos pontos mais perigosos, que elle e o bravo governador Cox ?

Se isto he esquecer-te dos seus deveres, e da fidelidade a que estava ligado como soldado, e vasallo do SEU PRINCIPE, quem sera capaz de o servir melhor (1) ?

As deposições das testemunhas vão abaixo repetidas, na mesma ordem em que se achão na sentença, a pag. 14, e são subdivididas em proposições, como se segue :

DEPOSIÇÃO DA TESTEMUNHA NUMERO PRIMEIRO, PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Que carregando as peças d'artilheria com menos polvora de que exigião os seus competentes calibres, não chegavão as balas ao sitio do moinho de vento, aonde se achava o exercito inimigo no primeiro dia em que a praça foi sitiada;

RESPOSTA.

Se o moinho de vento he hum ponto dentro do alcance d'artilheria da praça, quem acreditará que o exercito francez, commandado por dois marechaes de França, Ney, e Massena, ahi se havia ir postar, para soffrer os estragos daquella artilheria ? E se o moinho de vento he fora do alcance d'artilheria da praça, quem acreditará que por mais que se augmentassem as cargas das peças, as balas podessem ahi chegar ?

Nem as peças foraô carregadas com menos polvora que exigião os seus competentes calibres (2), nem o exercito inimigo, esteve ao moinho de vento (3).

Os cartuxos foraô feitos no laboratorio pyrotechnico, para todas as peças dos diferentes calibres da praça, pelo terço, quarto, e sexto do peso das suas respectivas balas, e postos em arrecadação nos dois depositos geraes, ao castelo, e casamatas, donde (antes que a praça fosse investida) se forneceraô os paioes particulares de todas

(1) O governador Cox, e todo o destacamento d'artilheria que se achou na defesa da praça, são quem devem depor sobre estes pontos, e sobre a boa, ou má conducta militar que Barreiros teve durante todo aquelle tempo, os quaes ja se achão em Portugal, recolhidos de prisioneiros, e então se conhecerá a verdade de quanto fica exposto e a diante se segue.

(2) Damos por testemunhas desta verdade, o governador Cox, e os officiaes, e os officiaes inferiores que commandaram o destacamento d'artilheria d'Almeida, no tempo do sitio, os quaes estamos certos, que estavaô sobre os terraplenos, e nas baterias, lugares onde a testemunha nunca poz os seus pez durante o sitio.

(3) Veja-se o Documento Numero I, no fim da Exposição.

as baterias, a razão de trinta tiros para cada boca, sendo deste numero, dez tiros pelo terço, dez pelo quarto, e dez pelo sexto, para se empregarem segundo as circumstancias. Para todas as baterias foraõ nomeados os officiaes, officiaes inferiores, artilheiros, e serventes precisos, á proporção do numero de peças, e seus calibres, em cada dois baluartes havia hum capitaõ para os commandar em chefe, na forma seguinte :

**Baluarde de Santo Antonio, á direita do
atacado.**

Capitaens commandantes.

Tenente, *Ribeiro*
Tenente, *Souza*
Sargentos, *N. N. N. (1)*

Baluarde de S. Pedro, foi o atacado.

CAETANO JOSE ALVES.

Tenente, *Miron*
Tenente, *Gulterres*
Tenente, *N.*
Sargentos, *Manoel Felis, N. N.*

**Baluarde de S. Francisco, á esquerda do
atacado.**

Tenente, *Crúz*
Tenente, *Camára*
Sargentos *Araujo, N. N.*

MAGALHAENS.

Baluarde de S. Joaõ de Deos.

Sargentos, *Jose Joaquim, N. N.*

Baluarde de Santa Barbara.

Sargentos, *N. N. Cabo, N.*

Baluarde do Trem.

MIRON.

Tenente, *Sebastião*
Sargentos, *N. N.*

Estes commandantes, e os seus sobalternos fizeraõ fornecer os seus paioes de tudo o necessario para o serviço das suas respectivas baterias, conforme huns mapas que o

(1) Não nos podemos lembrar dos nomes de todos os individuos do destacamento; porem os assima mencionados declararão os outros.

Réo, deu aos mesmos commandantes, approvados pelo governador, os quaes se afixaraõ em taboletas nos competentes paíes, ficando responçaveis delles os respectivos commandantes: os sobre ditos officiaes fizeraõ carregar todas as peças, que atiravaõ á campanha, com bala, e carga pelo terço, e foi desta forma que a artilheria se achava carregada no momento em que a cavalleria inimiga, passou na distancia de 6 a 8 centas toesas da praça, na manhaa do dia 24 de julho de 1810, dia em que a praça foi invetida, e pedida pela primeira vez: logo as cargas foraõ as competentes, e a testemunha jurou falço.

SÉGUNDA PROPOSIÇÃO.

Do que desconfiando hum sargento d'artilheria, e carregando-as com a competente carga, se empregavaõ com feliz successo os seus tiros no dito exercito; razão por que suspeita que a desgraçada explosão da dita praça fora motivada pelo Réo;

RESPOSTA.

O moinho de vento está postado sobre huma longa collina, em frente d'Almeida, na distancia, proximo de 500 toesas, visto, e batido pelas peças da face direita do baluarte de S. Francisco, face esquerda do baluarte de S. Pedro, e face esquerda do baluarte de Santo Antonio, alem das dos cavalleiros, e barbetes dos angulos flanqueados de toda a meia praça; sobre esta e outras alturas á vista da praça, estava postada a tropa do general Cravford, quando os inimigos a atacáraõ na manhaa do dia 24 de julho, a qual retirando-se á ponte do Coa, pela estrada que está junto a Almeida, evitou assim ser perseguida de perto por aquellas tropas; porem os inimigos pensando cortar-lhe a retirada da ponte, sahindo das quebradas que os ocultavaõ á vista da praça, atravessaraõ por sima das alturas, na distancia ja dita, com toda a velocidade de que os esquadroens heraõ capazes em semelhantes circumstancias, foi entaõ que a praça atirou, pela primeira vez, sobre os inimigos sempre em movimento, e naõ como disse a testemunha, poisque está claro que o exercito inimigo naõ havia ir estar dentro do alcance d'artilheria da praça, para ser incommodado pelos seus tiros (1).

Cada hum das baterias tinha, como fica dito, o seu commandante, e guarnição particular, que faziaõ fogo á vontade sobre os pontos que mais lhes acomodava; se as cargas tivessem sido pequenas, havia-se ter conhecido a falta d'alcance em todas as baterias, e serem obrigados os artilheiros a augmentalas para obterem hum melhor resultado, ningnem as augmentou, nem se apercebeo desta falta se naõ o imaginado sargento, da testemunha numero primeiro: logo ou todos heraõ do partido do Réo, ou tal falta naõ existio nas cargas.

Huma falta desta natureza, devia ser publicada, e castigada exemplarmente, nada:

(1) Documento Numero I.

disto succedêo, nem as outras testemunhas falaô della : logo foi falcissima a deposição da testemunha nº primeiro , e por consequencia muito mal fundada a sua suspeita sobre ter sido o Réo, o motor da explosão do castelo.

TERCEIRA PROPOSIÇÃO.

Augmentando-se a sua suspeita , porque estando o dito Réo aquartellado em casa de humas mulheres , filhas de hum Julio , que se acha ao serviço dos Francezes , junto ao castelo,

RESPOSTA.

A praça d'Almeida, he hum exagono quase regular , o castelo tinha a sua posição junto á cortina entre os baluartes de Santo Antonio, e Trem, que fica á Oeste da praça, as casas do major Julio, onde o Réo esteve alojado , são as mais proximas á cortina entre os baluartes de S. Francisco , e S. Joaô de Deos , a Leste : logo estas casas , ainda hoje são de todas as da praça, as que estavaô mais distantes do castelo, e não junto a elle , como jurou a testemunha nº primeiro.

QUARTA PROPOSIÇÃO.

Vira elle testemunha , meia hora antes da explosão , conduzir o Réo as ditas mulheres para as casamatas ;

RESPOSTA.

O Réo conduzio para as casamatas , as suas patronas (1), seriaô as 12 do dia 26 d'agosto , o seu camarada , Luis Jose , soldado do regimento d'artilheria nº 4, levou tambem á mesma hora hum outra (2), que estava muito doente ; ja se achavaô na quella casamata muitas pessoas (3), a quem o Réo primitio , com licença do governador Cox , que ali se recolhessem , para se salvarem dos estragos das bombas ; o castelo voôu as sete e meia da tarde : logo a testemunha não só depôz falcamente sobre a posição das casas junto ao castelo ; mas tambem sobre a hora da conducção das sobreditas patronas.

Se o Réo houvêra tido conhecimento da catastrophe do castelo , se as casas das suas patronas estivessem junto a este ponto , e elle se houvêra proposto salvas da ultima desgraça conduzindo-as ás casamatas , *sertamente não teria elle esperado para taô tarde : quem poderia assegurar ao Réo, que a bomba , que devia meter o fogo ao ras-tilho , não havia cahir no tempo em que elle se aproximasse do castelo , entrasse no seu

(1) Dona Maria, Dona Joaquina , e sua filha.

(2) Dona Anna.

(3) O major Torres, sua mulher, a may dos Pimentes, e sua filha, sogra e cunhada da sobredita Dona Joaquina : todas estas poderaô jurar se o Réo conduzio, ou não aquellas pessoas ás horas indicadas.

alojamento, ou conduzisse as suas patronas para as casamatas? Se aquella condução assim tivesse succedido, em lugar de dar suspeita contra o Réo, provaria mais a sua innocencia; pois está claro, que se hum homem tivesse estabelecido hum rastilho, ou espalhado polvora, para ser abrasada por huma bomba, lançada das baterias inimigas, não se podendo marcar ao justo o momento em que ella devia cahir, não se atreveria a aproximar-se della, meia hora antes da explosão do lugar onde se achava o perigo. Deixêmos a testemunha na sua suspeita, e vamos por diante.

QUINTA PROPOSIÇÃO.

Igualmente que ouvira dizer, que o Réo na ultima vez que fora ao castelo, quebrára hum barril de polvora, e a espalhára com pretexto de estar podre;

RESPOSTA.

A testemunha nº 1º não declarou a quem ouviu dizer que o Réo tinha quebrado o barril, nem em que dia e hora foi que o Réo, esteve no castelo; nem em que lugar espalhou a polvora; seria pode ser por esquecimento, que ella não fizesse estas declarações, ou por que ignorando as cautelas, e condições com que em todas as praças de guerra se costuma, e as leys mandaõ guardar os armazens de polvora, julgasse que aquelle armazem estaria aberto, e abandonado, como a cavalheriça da sua companhia, e que por isso se podesse entrar nelle na hora que se quizesse a tirar, ou mudar hum barril de polvora, como se poderia fazer a qualquer dos seus cavallos; porem ajudemos a este bom homem na sua proposição: suponhamos que o governador Cox, e o almoxarife, esquecendo-se dos seus deveres, tinhaõ o armazem aberto, abandonado, e sem cautelas, e que o Réo aproveitando-se deste abandono tinha ido ao castelo huma hora ou mais antes da explosão, que quebrou o barril, espalhou a polvora, e que fugio: hora ja se entende que para formar o rastilho deveria a polvora ser espalhada de fora do armazem, ate onde estivessem os outros barris; mas como dentro deste castelo, e seus armazens, havia mais de 80 pessoas, militares em serviço, e familias refugiadas, se o Réo tivesse quebrado o barril, e espalhado a polvora, algumas destas gentes haviaõ ter visto, e conhecido o seu intento, do que se teria seguido, ou fugirem, ou acautelarem hum perigo taõ imminente: no primeiro caso, não teria morrido tudo quanto se achava no castelo, e no segundo tendo-se apanhado a polvora, varrido e molhado o lugar em que ella se tivesse espalhado, não teria rebentado o armazem; e tanto n'hum, como n'outro caso haveria muitas testemunhas para deporem daquelle facto; porem se ninguem fugio do castelo, se ninguem acautelou a suposta traição, se todos quantos lá se achavaõ morrerão queimados, quem trouxe a noticia daquelle a tentado?

Suponhamos ainda que a polvora foi espalhada no momento o mais proximo da explosão, e que por isso ninguem o soube, ou ninguem se pôde escapar, e que

assim forão todos sacrificados ; em tão quem trouxe a noticia á testemunha n.º 1.º ? Como se poderá conceber que houvesse hum homem , que se quizesse atrever a espalhar polvora junto a hum armazem , no momento em que as bombas inimigas cahião ás duzias por toda a parte, sem temer que durante que elle a espalhava, cahisse huma, e fizesse vóar os armazens, e a elle junto com elles ao mesmo tempo ? Certamente hera preciso não ser racional para cometer tantos atentados, ou ser tão ignorante, e malevolo como a testemunha que fez huma tal deposição.

Se dentro da praça tivera havido tal suspeita, quem salvaria o Réo de ter sido feito em mil pedaços, antes mesmo que o facto fosse publicado a toda a guarnição ? Os Portuguezes tem provado bem, que pela mais leve desconfiança de traição não se demora em assassinar os innocentes : o general Bernardim Freire, o corregedor Jose Paulo, etc., etc., são provas bastantes de que o povo não espera que se justifiquem aquelles, sobre quem recahem semelhantes desconfianças. Vamos por diante.

SEXTA PROPOSIÇÃO.

E que sendo mandado com outro official do regimento n.º 24, por nome Jose Pedro de Mello, para levar os artigos da capitulação ao general francez, não voltara se não quando entrou nella o sobredito exercito, vindo só o dito official que com elle tinha ido na quella commissão.

RESPOSTA.

Parece impossivel que esta testemunha se deliberasse a apresentar sobre huma mesma meia folha de papel, tantas e tão claras contriariidades, e que as quizesse fazer passar como verdades uniformes, sendo calumnias tão comprovadas.

Quem poderá acreditar que sendo o Réo aquelle de quem a testemunha disse : que diminuiu as cargas das peças no primeiro dia do sitio, que quebrou o barril, espalhou a polvora no castelo, e lhe deu tanta suspeita, seja aquelle mesmo, a quem se entregasse o poder para ir tratar da sorte da guarnição ? E que o governador o elejesse para hum tal fim, entre dezeseite officiaes superiores que havia na praça (1), sem que estes, e a mesma testemunha se opozessem, e o declarassem como indigno de huma commissão da qual dependia a filicidade de todos elles ?

(1)	1 Tenente Coronel,	} Regimento n.º 24.
	2 Majores,	
	3 Coroneis,	} Dos regimentos d'Arganil, Trans- coso, e Guarda.
	3 Tenentes Coroneis,	
	3 Majores	
	1 Major director do Trem ;	
	1 Tenente Coronel dos Engenheiros ;	
	1 Major d'Artilheria ;	
	1 Tenente Rey ;	
	1 Major da Praça ;	

Se o Réo tinha cometido as faltas de que o accusa a testemunha, e se esta tinha interesse pelo seu bem particular, e pelo geral da guarnição; por que não se opôz, ou pelo menos por que não declarou ao governador as suas razões, para que o Réo não sahisse da praça, a tratar de hum tal assumpto? (Do que se seguiriaô tantas vantagens para a guarnição, segundo a geral opiniaô, e mais ainda para o Réo, segundo a nossa); porem se ninguem se opôz áquella determinação, e se ninguem falou huma só palavra, segue-se que, ou a testemunha não tinha motivos de desconfiança, nem tampouco a guarnição, ou se tinhaô alguns, e os não quizerão declarar, foi por que todos estavaô conformes com o governador Cox, e com o Réo.

Quem não conhece Almeida, quem não faz ideia das cautelas que nella havia quando o inimigo estava á vista, e quem não conhece aonde o governador Cox tinha estabelecido o seu quartel, não pode conhecer com facilidade o por que esta testemunha depoz que o Réo, tinha ido ao campo e não voltou; porem com a curta explicação que se segue, todos conhecêrão o motivo daquella falsa deposição.

A praça d'Almeida he huma fortificação de cinco bons baluartes cheios, e hum vasio; largos e arrançados terraplenos, com banquetas, grossos e resistentes merloens; caminho de rondas; altas e fortes muralhas, revestidas de pedra de cantaria; com duas grandes portas, e quatro porternas; largo e profundo fosso; seis meias luas, e huma contraguarda, resvestidas todas da mesma pedra que a muralha da praça; contraesearpe com bom e bem travezado caminho coberto, com rampas, e portas de sortida em algumas praças d'armas reintrantes, e circulada toda ella de mediocres explanadas.

O serviço hera feito segundo a ley, que não permite, que ninguem suba aos para-peitos, nem ande de roda das baterias, se não os que a hi se achão empregados.

O governador Cox, tinha estabelecido o seu quartel em dois pequenos paioes que estão na porterna ao angulo do flanco e cortina do baluarte de S. João de Deos, unica entrada praticavel, para commonicar da praça para o fosso, obras exteriores, e caminho coberto; por que todas as outras porternas, e portas da praça, estavaô fechadas effectivamente.

Com estas cautelas, e por esta razão todos os parlamentarios que vinhaô do campo heraô obrigados entrar ao rastilho, passar pelo fosso da praça, até chegarem aquella porterna, e ficarem ali com o governador; sem entrarem na praça, nem serem vistos mais que pela gente da guarda que estava ao rastilho, e por aquella que se achava de guarda á mesma porterna, alem do official que o governador enviava ao seu encontro, e daquelles que elle tinha junto a si em semelhantes occasioens, em cujo caso, e segundo taes circumstancias, e rigor de serviço, hera muito possivel não saber a testemunha, se o Réo tinha entrado ou não com os parlamentarios, ou se ficou logo no campo, desde a primeira vez que a hi foi mandado; porem com a declaração seguinte se conhecerá a verdade do facto.

O Réo teve ordem para ir ao campo inimigo na tarde do dia 27 d'agosto, com o capitão Jose Pedro de Mello, a acompanhar os dois Coroneis francezes, Pellé, e Riper, que haviaõ entrado na praça com os artigos da capitulaçaõ, offerecida pelo maréchal Massena, para dizerem a este: que o seu governador se propunha entregar a praça, se o deixassem sahir com toda a sua guarniçaõ, armas, e bagagens a reunir-se ao seu exercito, ou a outro qualquer ponto ao interior do reino de Portugal.

Logo que os parlamentarios foraõ appresentados ao marechal Massena, e lhe fizeraõ a sua proposiçaõ, este respondeo: que a guarniçaõ ficaria toda prisioneira de guerra, como elle havia offerecido, e que por lhe fazer distincão a receberia ao serviço, para ficar em Portugal, e não passar á França em classe de prisioneira: perguntou despois por via do general Alorna, que ali servia de interprete, quantos regimentos tinha apraça de guarniçaõ, pois sabia que não tinha gente para continuar a sua defensiva; respondeo-se-lhe: ha quatro regimentos, hum de infantaria, e tres de milicias, hum bom destacamento d'artilheiros, e cavallaria á proporçaõ; a praça está em estado de continuar a sua defensiva, se não se primite o que se propõe. Entaõ repetio o marechal Massena, pois bem, as milicias iraõ para suas casas; porem tudo o que for tropa de linha ficará prisioneira de guerra, e tomará o serviço (f): seguiu perguntando quaes heraõ os postos dos dois parlamentarios Portuguezes, e sabendo que hum hera major, e outro capitão disse: dou minha palavra de honra, que se despois de prisioneiros quizerem tomar o serviço, o major sera coronel, e o capitão sera major (1): e logo seguiu dizendo decididamente, que não estava pela proposta que se lhe fez, e mandou que o Réo fosse á praça com os sobreditos dois coroneis, para que dissessem ao governador, que só consentia que se retirassem as milicias, a suas casas; porem que o resto da guarniçaõ ficaria prisioneira de guerra, e entaõ deixou ficar em refens, o capitão Mello.

Chegráaõ os parlamentarios sobre as explanadas da praça, ali esperáraõ que se lhes abrisse o rastilho, o que se demorou bastante tempo; mas por fim entráraõ, e foraõ conduzidos ao quartel do governador.

A demora que os parlamentarios, e o Réo experimentáraõ ao rastilho, na segunda vez que estes entráraõ na praça, deu motivo a que o Réo dissesse ao governador Cox, quando chegou á porterna, onde elle se achava com hum capitão inglez (os quaes,

(r) Adverte-se que o posto de Major entre os Francezes corresponde a Tenente Coronel entre os Portuguezes, e que assim offereceo o Marechal dois postos de accesso a cada hum daquelles parlamentarios.

A este facto foraõ presentes os Generaes, Eblé commandante em chefe d'artilheria do exercito; Lasowsky, commandante em chefe dos Engenheiros; Freripa, chefe do estado maior do exercito; Loison, commandante do corpo que fez o sitio; Brenier, que foi nomeado governador d'Almeida; Alorna, e Pampelona; -- Os Coroneis, Pellé, primeiro ajudante d'ordens de Massena; Riper, ajudante commandante; Freire, ajudante d'ordens do General Alorna; -- O Major Nobre; -- Os Capitaens, Gama; Lima; Noronha, Pereira, e muitos outros Generaes, ajudantes d'ordens, e officiaes de todas as classes, que nós não conhecemos.

assim como as gentes que estavaô nas duas guardas, podem dizer se o Réo entrou, ou não outra vez na praça) : que os parlamentarios estavaô bastante enfadados de hum taô grande demora , ao que o governador lhe respondeo : que tinha havido hum engano com as chaves do rastilho , que em lugar de tomarem as proprias, haviaô tomado outras , e que isto havia causado aquella demora : pelo que o Réo , conhecendo que esta fala hera humma maxima no governador, para ganhar tempo, cuidou de satisfazer os parlamentarios, capacitando-os daquelle equivocação.

Depois de haverem entrado no quartel do governador, e este ser informado das intenções de Massena , nada contente com esta resposta , mandou escrever pelo Réo , outra proposta , que assignou , e ainda hoje existe em França , em que dizia : que elle entregaria a praça d'Almeida , e abriria a porta de Santo Antonio, pelas doze horas do dia immediato , se o deixassem sahir livre a elle , e aos officiaes inglezes que se achavaô na guarnição.

Logo que o coronel Pellé obteve este papel assignado pelo governador, trabalhou quanto lhe foi possivel , para que a praça lhe fosse entregue naquella mesma tarde , apoyando a sua pertençaô , com dizer : que elle governador , não ganhava nada em querer alongar o tempo para o outro dia , visto que por aquelle papel , se achava elle ja obrigado a entregar a praça pelas doze do dia , e que ja lhe estava prohibido receber socorros do seu exercito , mesmo quando fosse possivel chegar em-lhe nessa noite : a o que o governador respostava , que elle não hera obrigado sustentar o que propunha em quanto não fosse aceita , e aprovada a sua proposta pelo general que commandava o exercito Francez , e nestas duvidas para se acabarem as questoens , foraô outra vez enviados ao campo , o Réo , e os dois coroneis Francezes com quem havia entrado no quartel do governador.

Assim que os parlamentarios chegaraô ao mo inho de vento , e deraô a sua conta ao Marechal Massena, este a refutou , e não quiz admitir nada do que o governador lhe propoz , dizendo, que os inglezes haviaô ficar prisioneiros de guerra como os Portuguezes ; e entregando a capitulação ao capitão Jose Pedro de Mello, mandou-o á praça, dizer ao governador : que se não aceitava as condições offerecidas, e não vinha a resposta em meia hora de tempo , que romperia outra vez o fogo contra a praça , e ordenou que o Réo ficasse em refens da capitulação inviada , até que esta voltasse ou accite , ou recusada.

A resposta não veio no tempo marcado , rempec-se o fogo, e o Réo ficou no campo entre os Francezes ; porem logo que soube, ao romper do dia, que a praça tinha capitulado , e enviado durante a noite a copea da capitulação assignada (1), pediu licença

(1) Documento Numero III.

para se retirar, foi-lhe concedida, e então entrou só na praça, aonde se apresentou ao governador Cox, o qual encontrou no fosso junto á porterna onde elle tinha o seu quartel, triste como hum homem que acabava de perder huma praça; mas não a sua honra.

D'ali passou o Réo, ás casamatas, onde recebeu a ordem distribuida a todos os corpos para fazerem formar os estados da tropa que existia prompta, e nos hospitaes; deu as ordens que recebeu para que todos se apromptassem para sahirem pelas nove horas com armas, e bagagens, como prisioneiros de guerra; fez apromptar tudo o que dizia respeito ao seu destacamento; e muito antes da hora de se sahir da praça, lhe deu o governador Cox, no seu quartel, o inventario geral, do que havia nos armazens, e baterias, e lhe ordenou que ficasse na praça, para fazer a entrega d'artilheria ao novo commandante que entrasse(g): foi então que o capitão Miron pedio ao Réo, que o deixasse fora do numero dos promptos, como doente, e que o tenente Gutierrez, lhe pedio que o não metesse nos estados, pois queria escapar-se como official de milicias, cousas em que o Réo não quiz consentir por não assignar os estados falsos; e sómente ordenou, com licença do governador, que o sargento Jacinto Jose, e os soldados Luis Jose, Costodio, e outros do seu destacamento, ficassem na praça para o ajudarem a fazer as entregas.

Na sahida da tropa, acompanhou o Réo ao governador Cox, até ao rastilho, ali sobre as explanadas se despedio d'elle, e voltou para a praça, para fazer o que elle lhe havia determinado.

Todas as gentes de guerra sabem, que quando se rende huma guarda, destacamento, campo, ou praça, a tropa que deve fazer a entrega, está prompta para sahir no momento em que chega aquella que deve tomar posse.

O momento da rendição d'Almeida foi marcado para as nove horas da manhaa do dia 28 d'agosto (1), a esta hora entráráo os Francezes no fosso (2), postaráo-se sobre o terrapleno da meia-lua em frente da porta de Santo Antonio, abriu-se esta, e logo sahiráo as tropas Portuguezas, que ja estavaô promptas para isso, passando pela frente dos Francezes, que as receberáo na sua passagem com as continencias do costume: pelo que se deixa bem claramente ver, que se o Réo assignou os estados, apromptou o seu destacamento, recebeu o inventario, e ordem para ficar na praça, e determinou que ficassem com elle o sargento, e os soldados mencionados, que tambem he falço ter elle entrado com as tropas inimigas, como disse a testemunha; pois que neste caso não teria elle então sido encarregado daquelles serviços, por não haver tempo, e o governador o teria feito meter sobre os estados como desertor, e teria ordenado que o

(1) Documento Numero III.

(2) A tropa que entrou em Almeida para tomar posse da praça, foraô sómente dois batalhoens d'infantaria, de baixo das ordens do General Brenier que foi nomeado para governador.

capitão mais antigo tivesse comprido aquellas obrigações proprias do commandante d'artilheria, sem se esquecer, quando mandou a capitulação para Portugal, de enviar parte ao general em chefe que o Réo lhe tinha dezertado.

SETIMA PROPOSIÇÃO.

E que depois soubera que elle informára o inimigo do estado, e fraqueza em que se achava a praça.

RESPOSTA.

Ja fica explicado como o Réo e o capitão Jose Pedro de Mello falarão em publico, com o Marechal Massena, e quaes foraão as exactas informações que elles lhes deraão sobre o estado em que se achava a sua praça, e que foi em consequencia destas informações, que resultou conceder-se, alem da guarnição sabir com as honras da guerra, irem as milicias para suas casas. Entre as nações que melhor conhecem a arte da guerra, não ha senão duas formas de capitulação, das quaes ninguem se deve apartar: a primeira he obter as honras da guerra; e a segunda render-se prisioneiro á descripção. Se as informações fossem dadas como disse esta falsa testemunha, como se teria concedido á guarnição d'Almeida, alem da capitulação a mais vantajosa, que sahisses os milicias para suas casas? cousa que não tinha sido offerecida nos primeiros artigos que o Marechal Massena enviou á praça: a testemunha teve tão falsas informações sobre este ponto, como sobre todos os outros de que ja depôz.

OITAVA PROPOSIÇÃO.

E que succedendo neste tempo dispararem-se duas peças sobre o inimigo, logo este continuára o seu fogo para aquelle sitio.

RESPOSTA.

Sendo as intenções do governador Cox, ganhar tempo para que lhe podessem chegar socorros, como ordenaria elle que a praça atirasse antes que o inimigo o inquietasse? Esta testemunha nunca montou aos terraplenos, nem sahio do seu quartel depois que o inimigo começou o sitio, e por isso nesta proposição, tambem disse o que não succedeo. Ja dissemos a pagina 29, que o marechal Massena, ordenou que não voltando a resposta no termo de meia hora, se romperia outra vez o fogo contra a praça, e assim aconteceu.

DEPOSIÇÃO DA TESTEMUNHA NUMERO SEGUNDO.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Acrescendo contra o Réo, alem destes indícios, o ter sido reprehendido pelo governador da praça, pelo seu máo procedimento militar, o que deu occasião a geral desconfiança, que tinha toda a guarnição, de que fora o causador daquella desgraça, como jura a testemunha numero segundo.

RESPOSTA.

A vista do que temos respondido, parece-nos que os indícios ja devem ter desaparecido ; mas como não temos os conhecimentos necessarios para julgar em direito, se as nossas razoes tem, ou não força para os desvanecer, deixamos isto ao conhecimento dos juriconsultos, e continuâmos com as nossas sinceras respostas, áquellas proposições.

Se foi verdade ter tido o Réo, aquelle máo procedimento militar; ter sido reprehendido pelo governador da praça, e dado occasião á geral desconfiança de toda a guarnição, de que fôra elle o causador da desgraça do castello, então não devia este facto ser ignorado por pessoa alguma da guarnição; mas nós observamos, que ninguem falou de tal, se não esta testemunha nº. 2º., e que das outras nove sahidas d'Almeida, mencionadas no summario de todos os Réos, que com este foraõ sentenciados, seis não depozeraõ nada contra elle, e das tres o nº. 1º., 6º., e 8º. nem huma falou em tal desconfiança : logo ou tal reprehensão, e desconfiança não houve, ou as outras nove testemunhas do summario, o não souberaõ, e por consequencia tambem he falso, o que esta testemunha depoz.

Se aquelle facto tivesse acontecido, como depoz a testemunha nº. 2º., teria elle sido conhecido e declarado officialmente no quartel general do exercito, por todos os individuos da guarnição d'Almeida, que ahi foraõ apresentados nos dias 29 e 30 do mesmo mez d'agosto, e ter-se-hia composto o summario dos depoimentos desta qualidade de testemunhas; porem nós vemos que todos aquelles militares (1) que sahiraõ d'Almeida, para o interior do reino, não falariaõ sobre tal objecto, nem então, nem mesmo ao depois; e que nem o mesmo governador Cox, na parte que mandou ao general em chefe, quando lhe enviou a capitulação d'Almeida, falou cousa alguma contra o Réo, como o fez a respeito do Tenente Rey : logo se ninguem falou sobre tal objecto, se ninguem accusou o Réo, de haver cometido hum tal crime, como se poderá acreditar o que disse, tantos tempos depois esta falsa testemunha ?

Se aquelle facto tivera sido publico, e verdadeiro todos os soldados da companhia da sobredita testemunha, que fugiraõ ao mesmo tempo que elle do campo inimigo, seriaõ outros tantos individuos que deporiam contra o Réo, declarando tudo o que soubessem contra a sua fidelidade; porem se o crime se reduzio sómente ao conhecimento,

(1) Os militares entrados em Portugal, logo depois da rendição de Almeida, foraõ os tres Coroneis dos regimentos de milicias, d'Arganil, Guarda e Trancoso; os seus officiaes superiores, e muitos outros dos seus officiaes, e soldados : o capitão Bulhoens, e os outros officiaes engenheiros, que se escapáraõ do campo inimigo, sem quererem tomar o serviço, e por isso foraõ recompensados; e os officiaes, e soldados do regimento d'infantaria nº. 24, que fugiraõ na noite do mesmo dia 29, em que tinhaõ voltado, de retomar as armas sobre as explanadas d'Almeida.

e depozição desta testemunha; por que não havemos nós dizer, que elle quiz acreditar-se assim para melhor fazer o seu partido, á custa de huma tão vil, e singular depozição?

A experiencia tem provado, que sempre a causa dos ausentes lhes sahe contraria á sua razaõ, não só pela difficuldade que ha de se poderem justificar d'accusaçoens de que não tem noticia; mas tambem porque a justificaçãõ daquelles que muitas vezes tem sido envolvidos nas mesmas culpas, carrega toda sobre os que não estão presentes.

Nós temos razaõ para assegurar, que tudo isto foi hum invento tramado entre as testemunhas n.º. 1.º., e 2.º. para se fazerem receber como bons Portuguezes, figurando que tinhaõ sahido d'Almeida, com o conhecimento dos pontos sobre que depozeraõ contra o Réo, sem darem a mais pequena ideia de que elles tinhaõ estado muitos dias entre os Francezes, tomado o seu serviço (1), aceitado delles, hum, o posto de chefe d'esquadraõ, e 'o outro o de capitaõ, e que depois tinhaõ fugido, e por que razaõ; nós calâmos o resto por não sermos accusadores; mas pelas nossas razoes fica bem demonstrado, que elles não tiveraõ os mesmos patrioticos sentimentos que os outros Portuguezes, que sahiraõ da mesma praça.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO.

Acrescendo ter elle recebido do inimigo dez mil cruzados, como dissera Joaquim Sachota,

RESPOSTA.

Tendo nós provado por differentes formas, a falcidade, e impossibilidade de hum projecto tão indigno, fica tambem evidentemente provado que o Réo não podia receber recompensa alguma pelo feito de hum facto que não existio; porem como nos propozemos fazer conhecer, não só a falcidade da origem de huma tal accusaçãõ; mas mesmo a de cada huma das differentes proposiçoens que a formáraõ, continuamos com a destruiçãõ das partes que a compoem.

A testemunha n.º. 2.º. hera o alferes da companhia de cavallaria, que sahio prisioneiro d'Almeida, antes que os Francezes tomassem posse dos armazens, vivres, e dinheiro que havia na praça: se o Sachota sahio, depois que os Francezes a hi entráraõ, entãõ aonde foi que elle disse á testemunha, que o Réo tinha recebido os dez mil cruzados do inimigo? Está claro que não podia ser senaõ no interior do reino, quando elles ahi se juntáraõ: o que prova ainda mais que a desconfiança que a testemunha figurou ter contra o Réo, não foi formada dentro da praça, nem durante o tempo que ella esteve ao serviço dos Francezes; mas sim depois que entrou para o interior do reino, e se juntou com o Sachota.

Se esta falla do Sachota, não tivesse tambem sido inventada depois que entrou para

(1) Documento Numero IV.

o interior do reino , telo-hia elle declarado em Almeida , e em ontras partes a muitos outros individuos , assim como o declarou á testemunha n.º 2.º , e então haveria mais pessoas que depozessem sobre tal dinheiro ; porem a cousa foi inventada e tratada de modo que o Sachota , sómente o declarou ao seu amigo , e quando foi chamado a testemunha. Veja-se a resposta á declaração do Sachota.

DEPOSIÇÃO DA TESTEMUNHA NUMERO OITAVO.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Que depondo sobre este facto debaixo do n.º. 8.º. do summario , declara ser verdadeiro ,

RESPOSTA.

A testemunha n.º 2º depôz que o Réo , tinha recebido do inimigo dez mil cruzados , como lhe dissera Joaquim Sachota , e este depondo sobre aquelle facto , declara *ser verdadeiro* ; porem esta testemunha não declara a quem se refere aquelle dito , *ser verdadeiro* , e por isso he preciso advinhar , se foi relativo a ella ter feito aquella declaração á testemunha n.º. 2.º. , ou se foi a ter o Réo , recebido aquelle dinheiro do inimigo ; e como isto está occulto , ou pouco claro , assim o deixamos tambem até á final resolução do problema , aonde apparecerá a incognita desembaraçada.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO.

Por ter visto a dita quantia em hum sacco de veludo em sua casa ,

RESPOSTA.

Se o dinheiro estava em hum sacco de veludo , como soube a testemunha que quantia hera , sem que a visse contar ?

TERCEIRA PROPOSIÇÃO.

E dizer-lhe o Réo João da Gama , que foi quem levou aquelle dinheiro , e o Réo João Reicend , e sua mulher , que todos estavam em sua casa , que hera para o dito Réo ,

RESPOSTA.

Supnhamos por hum pouco que tudo assim succedêo ; que a testemunha vio em sua casa hum sacco de veludo com dinheiro ; que foi o Réo Gama , quem o levou , e que Este , Reicend , e sua mulher lhes disserão ser para o Réo : accaso disserão elles á testemunha , que o sacco continha dez mil cruzados ? Ou que aquelle dinheiro hera huma recompensa que o inimigo enviava para o Réo ?

Pela mesma depozição da testemunha n.º. 8.º. se conhece a falcidade daquelle facto ,

pois que quando tudo aquilo assim se tivesse passado, nem hum dos sobreditos Réos falou em taes dez mil cruzados, nem em que o dinheiro do sacco, hera enviado pelo inimigo para o Réo: logo onde está aqui aquelle *ser verdadeiro*, que a testemunha n.º 8.º declarou quando foi perguntada sobre o que disse á testemunha n.º 2.º? Este *ser verdadeiro* quiz dizer, ser verdadeiro que ella assim o disse; mas não que assim tivesse succedido: logo segue-se que a testemunha mentio, e por consequencia jurou falso, e assim fica completamente provado ser falcissima a deposição desta malvada testemunha, e que foi sómente ella, quem se lembrou falar em taes dez mil cruzados, e dizer que o Réo, os tinha recebido do inimigo.

Suponhâmos ainda mais, que por huma precisação, ou pela circumstancia do Réo, ter sido feito prisioneiro, elle tinha vendido algum cavallo, ou outra cousa de valor ao Réo Gama; estava elle por ventura prohibido de receber o seu dinheiro da mão do comprador, e este de o ir buscar aonde o tivesse, e levalo para casa da testemunha n'hum sacco de veludo? Estavaô accaso prohibidos todos os que soubessem daquella venda, de poder dizer, que o dinheiro do sacco hera para o Réo? Seria isto motivo bastante para que qualquer homem de juizo, podesse criminar o Réo, como author da desgraça do castello d'Almeida? Discorraô os sensatos sobre este ponto, e decidaô, que nós estamos pela sua decisaô: e no entanto sommos obrigados a declarar, que felizmente o Réo, nunca vendeo nada, nem recebeo dinheiro algum do Réo Gama, nem com elle nunca jamais teve amizade, suciedade, ou particular conhecimento, para se poderem communicar por qualquer fim, ou motivo que fosse, e outro tanto asseguramos pelo que pertence ao Réo Reicend.

Permitasse-nos fazer agora aqui huma pequena observação, sobre aquella quantia de dez mil cruzados, com a qual ficará ainda mais claramente provada a falcidade do que depôz a testemunha n.º 8.º.

Todos os habitantes de Portugal, tem ouvido falar em que o Réo, recebeo dez mil cruzados; porem a maior parte delles não conhecem, nem nunca viraô o que esta quantia he, e por isso huns cuidaô ter sido huma somma capaz de fazer a felicidade, e independencia do Réo; e outros cuidaô ser isto huma somma capaz de se meter n'algibeira, ou de se levar na mão sem o maior incommodo; e como nós podemos com huma curta explicação meter, todos estes individuos no estado de fazerem huma ideia exacta do que são dez mil cruzados, e conhecerem que isto não hera hum dinheiro capaz de com elle se comprar huma fazenda, para com os renditos della se poder passar com decencia em qualquer parte, nem he huma somma capaz de se levar n'algibeira, ou na mão como muitos pensaô, vamos tocar estes pontos, com a maior rapidez possible, para que mais claramente se conheça a falcidade da deposição que fez aquella testemunha.

Sabe-se por hum calculo aproximativo, que quando se compra hum fôro, huma pro-

priedade , ou etc. , o seu custo monta sempre a vinte vezes o que ella rende por anno : logo com dez mil cruzados não se poderia comprar huma propriedade que rendesse por anno mais de duzentos mil reis , do que pagando a decima , ficavaõ cento e oitenta mil reis , o que corresponde a quinze mil reis por mez ; o Réo tinha de seu soldo mensalmente, cincoenta mil reis : nestes termos como quereria elle perder cincoenta, para ter quinze, e sobre isto perder o seu posto, a sua patria, e a sua honra, para ir habitar hum paiz estrangeiro ? Ja se vê que isto não hera huma felicidade para o Réo ; mas sim huma desgraça , a maior das desgraças.

Porem os inimigos do Réo diraõ , que elle tambem teve o posto de coronel, com o soldo e honras competentes a este grão. Enós respondemos, que o Réo e todo o mundo conhecem, que os traidores são todos desprezados , e aborrecidos em toda a parte ; que nunca se-lhes-daõ empregos, nem distincões ; que nunca se confundem com os homens de bem , nem com os benemeritos, e que assim o Réo não podia aspirar áquelle grão, em consequencia de huma tal aleivosia ; mas sim lembrar-se, que se elle tivesse vendido a praça , não devia contar mais que com o dinheiro que se lhe desse , e com soffrer aquelles desprezos que merece todo o traidor.

Porem como não obstante todas estas razoes, os inimigos do Réo poderaõ dizer ainda : mas elle está feito coronel. Nós entaõ respondemos , e provamos, que quando o Réo foi julgado, e sentenciado em Lisboa, não só elle não estava ainda feito coronel ; mas nem pelo menos ainda tinha entrado ao serviço da França.

Toda a nação Portugueza sabe, que o marechal Massena, convidou e guardou no seu exercito , toda a tropa de linha que sahio d'Almeida, e disse queria entrar ao serviço da França ; porem até hoje ainda ninguem disse , o por que elle, e o Marechal Ney (*h*), a fizeraõ convidar para tomar aquelle serviço.

Todos sabem, que tendo o Réo ficado na praça, paraahi entregar a artilheria, não deveria ter sido contado e metido no numero dos 112 artilheiros Portuguezes , que foraõ postos á disposição do general Eblé, commandante d'artilheria do exercito , sem que primeiro se lhe perguntasse o seu sentimento , porem elle a hi foi metido e contado, sem que até hoje ninguem tenha dado o motivo (*i*).

Todos sabem tambem, que antes de chegar a resposta do documento n.º IV , o marechal Massena, enviou prisioneiros de guerra, para França, aquellas mesmas tropas , que elle tinha convidado, e guardado no seu campo, e que sómente escapáraõ daquella remessa os individuos, que como o Réo, estavaõ dentro d'Almeida ; porem até hoje ainda ninguem disse , o por que o marechal Massena mudou de sentimento , e tomou aquelle partido , taõ repentinamente.

Todos viraõ, que assim que aquellas tropas marcháraõ para França, logo o general Alorna, começou a ser maltratado, e abandonado pelo marechal Massena, e que

nem delle, nem d'algun outro official Portuguez, dos que por elle haviaõ sido pedidos ao ministro da guerra, para o acompanharem na expedição de Portugal, se fez mais applicação alguma, ou se lhes confiou serviço algum naquelle exercito; porem até hoje ainda ninguem tem publicado estes factos na Europa, nem se tem dito a causa que os produzio, e por isso as reputações de todos aquelles officiaes foraõ manchadas, e estaõ hoje perdidas, por terem sido sentenciados sem serem ouvidos; mas o tempo descobridor das verdades, fará que cada hum appareça com a razão do seu procedimento, e entaõ se conhecerá quanto differentes foraõ os seus sentimentos.

Foi naquelle mesmo tempo que o exercito Francez, fez o seu movimento para o interior de Portugal; que o marechal Massena passou do forte da Conceição a Almeida, para ir pernoitar ás Freixedas, no dia 16 de setembro de 1810, e que o Réo recebeu ordem pelo general Alorna, para seguir o quartel general, ao que promptamente obedeceo; porem como não hera contemplado no exercito, nem como militar, nem como prisioneiro, não recebia rações, nem tinha de que viver; em consequencia do que o general Eblé, commandante em chefe d'artilheria do exercito, sendo informado da posição do Réo, em Alemquer, o chamou e lhe deu a sua menza em quanto o exercito esteve em Portugal.

Passados mais de quatro mezes do Réo, estar com os Francezes, chegou ao ponto de não ter que vestir, nem que calçar (*K*), e entaõ decididamente pediu se lhe declarasse hum destino para não morrer de necessidade. O general Eblé, que ja neste tempo conhecia o Réo de mais perto, e que via a sua precisão, falou ao marechal Massena para que tambem se decidisse sobre este ponto: o marechal entaõ sustentando o que tinha dito, escreveu ao Principe de Wagram, communicando-lhe a promessa que elle tinha feito ao Réo, dentro do moinho de vento, na tarde do dia 27 d'agosto, no caso que elle quizesse tomar o serviço: o Principe de Wagram respondeo ao marechal Massena, enviando-lhe o documento n.º V, o qual o marechal recebeu no principio d'abril de 1811, no mesmo dia em que sahio de Portugal, e entrou em Cidade Rodrigo, em consequencia do qual, se passáraõ as ordens necessarias, e o Réo, sentou praça em Salamanca, no dia 11 do mesmo mez, 26 dias depois de ter sido sentenciado em Lisboa, e 8 dias depois de ter sahido de Portugal.

Contra esta verdade, parece-nos que ja os inimigos do Réo, não teraõ nada que nos replicar.

Se nos fosse permitido perguntar-lhes tambem: se assim como o governo Francez, atendeo a proposta do marechal Massena, a tivesse refutado; se em lugar de admittir o Réo, ao seu serviço, o tivesse mandado reunir ao deposito dos officiaes prisioneiros; e elle em consequencia da paz voltasse com elles a Portugal, como seria isto entaõ lá a seu respeito? Executar-se-hia a sentença? Admetir-se-lhe-hia a sua justificação?

On seria morto por qualquer dô povo, que lhe quizesse fazer esse beneficio antes de chegar á capital? Estamos certos que para eytar questoens seguiria o Réo, os passos daquelles a quem a popolassa tem tomado por sua conta: em consequencia do que podemos dizer sem erro, que em quanto *S. A. R. o Principe Regente*, não for informado da falcidade daquella accusação, foi mais vantajoso ao Réo, ter sido aceito ao serviço da França, que ficar sendo prisioneiro, como todos os seus camaradas. Voltemos ao nosso ponto dos dez mil cruzados.

QUARTA PROPOSIÇÃO.

O qual hera da caixa militar Portugueza, que tinha Jose Bernardino Pagador, a quem o tinha entregado o administrador Passos, por ordem do governador da praça; pelo que se persuadia elle dita testemunha, ser o Réo o motor daquella desgraça,

RESPOSTA.

Sendo da nossa intenção provar a innocencia do Réo, sem nos servirmos de certificado, ou documento algum, passado pelos individuos que fizeraô a guerra em Portugal, ou que como elle se achaô sentenciados na nação, sommos obrigados recorrer ás declaraçoens, e provas precisas que se devem obter dos bons Portuguezes, que se achaô nesse reino.

Se naquelle tempo tivera sido conveniente, conhecer-se a verdade sobre o facto de que o Réo foi accusado, ter-se-hia logo examinado se o administrador Passos, entregou ao pagador José Bernardino, aquelles dez mil cruzados, e em que qualidade de moeda os entregou, e se este os entregou ao Réo Gama, em que dia, e com ordem de quem; ou ter-se-hiaô tirado estes documentos da thezouraria geral do Porto, ou do Erario Regio de Lisboa, onde elles devem existir, e por via delles, sem muito custo, se teria visto que o Réo Gama, não recebeo nem vio tal dinheiro, nem Jose Bernardino tal poderá dizer (1); pôrem suponhamos que o Réo Gama, os tinha recebido e levado n'hum sacco de veludo, como disse o Sachota, como os poderia o Réo, ter recebido e conduzido, sem que tambem fossem vistos e conhecidos de muitas gentes?

Quatro centos mil reis em oiro, saô sessenta e duas peças e meia de seis mil e quatro centos; pesaô trinta e huma onças e duas oitavas; dez mil cruzados em oiro, pesaô trezentas e doze onças e meia, ou dezanove arrateis e meio, e quatro onças; do que se segue, que hum peso destes não se pode levar n'algibeira, ou na mão sem maior incommodo, e sem ser appercebido; pôrem como estamos certos, que se aquelle oiro tivera existido entre as maons do Passos, ou de Jose Bernardino, e os Francezes tivessem tido noticia d'elle, não o destinariaô para hum tal fim, nem passaria naquella moeda para as maons d'algun Portuguez, pelo muito que aquelles amaô o oiro, e principalmente o de Portugal: logo por consequencia seriaô os dez mil cruzados em

oiro , trocados por prata; porem nesta moeda então , nem o Réo Gama, os podia levar n'hum sacco, nem o Réo, os poderia conduzir na sua retirada quando sahio d'Almeida.

Cada huma peça de seis mil quatro centos , val ao menos oito duros espanhoes em prata, que pesão meio arratel; logo quatro centos mil reis, pesão trinta e hum arrateis e huma quarta; e dez mil cruzados, pesão trezentos e doze arrateis e meio; ou nove arrobas e vinte e quatro arrateis e meio; para a condução deste peso necessitava-se huma besta de carga: quando o Réo sahio d'Almeida, não tinha mais que o seu cavallo de praça: logo não podia conduzir o dinheiro de que falou o Sachota; e como o Réo, prova que de tal dinheiro nunca soube, nem em tal ouvio falar se não depois que está em Bourges: segue-se que se houve aquelle dinheiro, lá ficou em casa do Sachota, e que he este quem deve dar conta delle ao governo, ou provar qual foi a sua applicação, porque desta forma, bem depreça se arrependerá de ter feito hum juramento tão falso, e de ter dito estar persuadido, ter sido o Réo a motor daquella desgraça.

Alem de todas estas provas, de que o Réo não vendeo Almeida, acrecece ainda aquella, de que devendo esta praça, (segundo a ordem natural da defesa) ser tarde ou cedo submetida ao atacante, como succede a todas as praças de guerra, que não são socorridas (*m*), que não fazia nem huma conta ao marechal Massena, adiantar-lhe a sua rendição, de huma quinzena de dias, comprando por dez mil cruzados, a perda de mais de seis mil arrobas de polvora, que arderão no seu castelo, e principalmente n'huma occasião em que a França, hia abrir huma campanha, e precisava ter aquelle genero em abundancia n'hum ponto seguro como Almeida, da onde lhe podesse sair, ou para a guerra de Portugal, ou para a continuação d'aquella d'Espanha, com quem ja se achava tão empenhada.

A perda da polvora d'Almeida, longe de fazer vantagem aos Francezes, foi o principio da sua decadencia; pois que forão obrigados a fornecer esta praça, com a polvora que havia em Cidade Rodrigo, e a esta Cidade, com a de Salamanca, a esta com a de Valadoliá, a esta com a de Burgos, a esta com a de Bayonna, em que gastáráo immensas sommas nos seus transportes, e encontráráo milhares de difficuldades nas suas conducções.

A polvora, que ardeo no armazem d'Almeida, contada sómente a preço de cruzado cada hum arratel, valia mais de duzentos mil cruzados: como querião os Francezes perder esta tão grande somma, e os armazens, e castelo da praça, com tudo quanto estava dentro, e darem ainda em sima dez mil cruzados, e o posto de coronel a hum traidor? Desta qualidade de factos, não ha exemplo na historia, e assim façâmos justiça ás nações, nem o caracter Portuguez, hera capaz de huma tal venda, nem o caracter Francez, de huma tal compra. Se a testemunha tivesse conhecimentos racionais, não se teria elle persuadido, ser o Réo o motor daquella desgraça.

QUINTA PROPOSIÇÃO.

Acrescendo para a sua suspeita, que quando o Réo sahira da praça na qualidade de parlamentar, logo ao sahir da mesma, dissera: a Deos Almeida, a Deos Portuguezes; eu sou Francez, e sempre o fui:

RESPOSTA.

Se o Réo, tivesse sido hum homem de huma vivesa tão penetrante, que tivesse sabido tomar todas as precauçoens para não ser descoberto na sua correspondencia com os Francezes; nem no modo de formar o rastilho, receber e conduzir o dinheiro pelo pagamento daquella maldade, como seria elle ao mesmo tempo tão necio, que fosse fazer fallas que lhe podessem descobrir, o que por tantos tempos, e com tanta sagacidade tivesse sabido occultar.

Se o Réo, tivesse vendido a praça aos Francezes, para que se havia elle despedir della, e dos Portuguezes, quando todos ficavaõ sujeitos ao mesmo comprador? Isto são cousas que se opoem a razão de todo o homem sensato.

SEXTA PROPOSIÇÃO.

E que dizendo-lhe Massena que voltasse para a praça, lhe respondêra: eu não torno mais á praça, se não quando entrarem as tropas Francezas:

RESPOSTA.

Se o marechal Massena, tivesse comprado a praça, e o vendedor já se achasse entre as suas maons livre de todos os perigos, para que o havia mandar outra vez para ella, depois da traição estar cometida? Isto seria cometerem-se absurdos sobre absurdos.

SETIMA PROPOSIÇÃO.

O que lhe commonicou o sobredito Réo Gama;

RESPOSTA.

Observe-se que todo o depoimento desta testemunha, he referido aos ditos do Réo Gama; porem sem nomear outra pessoa aquem, como a elle, o Réo Gama, fizesse aquella declaração.

Se esta testemunha, fosse hum homem de bem, de conhecidas virtudes fisicas e moraes, e a pessoa sobre quem elle apoya os seus ditos, hum sujeito de grandes creditos na nação, poder-se-hia receber a sua deposição como hum indicio contra o Réo; mas sendo esta testemunha hum cortador de peixe, da última classe das gentes d'Almeida, e o

Réo

Réo Gama, hum homem, ja naquelle tempo perdido para a nação (1), como se deveria receber e acreditar semelhante deposição, contra hum official superior, que acabava, antes de entrar naquella praça, de justificar a sua honra, o seu bom patriotismo, e os seus distintos serviços perante hum conselho de guerra, e huma commissão especial da Relação em Lisboa, aonde os seus inimigos, que não cessão de o perseguir, o tinhaõ persepitado (m)? Esta testemunha indispensavelmente foi subornada por aquelles mesmos inimigos do Réo, que ainda existem, e por isso ella se valeo do nome do Réo Gama, para incobrir a sua maldade.

OITAVA PROPOSIÇÃO.

O que assim aconteeo, porque o Réo só tornou á praça, quando nella entrou o dito exercito, no qual vinha dando todas as demonstraçoens de alegria, deixando o chapéo ao ar, em signal do seu contentamento.

RESPOSTA.

Naõ nos admiramos que a testemunha fizesse huma tal deposição, admiramos que tal se acreditasse. A falcidade desta proposição jálica provada a pag. 28, onde se mostra que o Réo, entrou na praça, muito antes da sua rendição.

DEPOSIÇÃO DA TESTEMUNHA N.º SEXTO.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Acrece mais contra o Réo, para prova deste delito o depoimento da testemunha n.º 6.º do mesmo summario;

Que chegando elle testemunha á parte esquerda das portas da Cruz da dita praça, aonde estava hum morteiro, e vindo o Réo com o governador do mesma e perguntando-lhe se o dito morteiro estava melido em bateria, e respondendo-lhe que sim, designando-lhe a bateria inimiga a que se dirigia, conhecendo o mesmo governador o contrario, o reprehendêra muito asperamente, prohibindo-o de fazer mais pontarias sem a sua assistencia;

RESPOSTA.

Tendo nós já provado com razoes e documentos, que as deposições das tres testemunhas até aqui mencionadas, não he mais que hum tecido de aleivosias contra o Réo, sommos ainda agora obrigados a desmentir mais esta, que moderamente se contentou em dizer que vio, e ouviu (como he da obrigação de toda a testemunha), sem se atrever a formar juizos, nem a arriscar a sua opiniaõ, sobre se foi ou não o Réo, o author da desgraça do castelo, como fizeirão as tres primeiras, que alem de

(1) Veja-se o primeiro tomo da restauração de Portugal, por Jose Acurio das Neves, em 1810.

fazerem as suas deposições , também disserão : n.º primeiro que suspeitava , n.º segundo que desconfiava , e n.º oitavo que se persuadia que o Réo tinha sido o motor daquella desgraça , esquecendo-se que isto de tirar consequencias sómente he huma prerrogativa propria dos jurisconsultos , que tem o direito de julgar.

A pergunta , e a resposta de que falla a testemunha , he mentirosa ,

1.º Por que hum homem que tem olhos militares como o governador Cox , não pergunta , se hum morteiro que elle tem diante de si , está metido em bateria.

2.º Por que não sendo possível verem-se dos pontos onde se collocão os morteiros sobre os terraplenos de huma praça , aquelles aonde se achão as baterias inimigas , marcaõ-se por isso (como ja dissemos a pag 9) , pontos fixos para dar as direcções aos morteiros ; estes pontos fixos estavaõ marcados , e heraõ tão conhecidos do governador , como do Réo , logo tendo-os elle diante de si , também hera escusado fazer huma tal pergunta.

3.º Porque se o governador , prohibisse ao commandante d'artilheria , fazer as pontarias sem a sua assistencia , nunca a praça atiraria sobre os inimigos , se não da bateria onde estivesse o governador ; mas a praça atirava a todo o momento , e de toda a parte : logo he mentira o que disse a testemunha.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO.

E por que igualmente ouviu elle testemunha dizer aos artifices , que estando o Réo no Trem , dissera , que se os Francezes soubessem que elle ali estava , não atirarião para aquella parte nem hum tiro.

RESPOSTA.

Se o Réo , tivesse tido a desgraça de ter seguido o partido francez , ou de ter dado aos habitantes d'Almeida , a mais pequena desconfiança sobre este ponto , certamente não teria elle sido accusado de haver espalhado a polvora , e ser causa da entrega daquella praça ; pois que aquelles patrióticos habitantes , lhes saberiaõ dar com a morte , a recompensa tão bem merecida.

TERCEIRA PROPOSIÇÃO.

E da mesma maneira que estando elle testemunha na estrada falsa , na occasião em que entrárão os parlamentarios , quando lhe foi a pôr o lenço nos olhos , lhes disse o Réo , que não receassem , por que a praça havia de estar por tudo , por que não havia ja nella com que se servir a artilheria ;

RESPOSTA.

Nós ja dissemos , a pag. 20 , que a praça foi pedida na manhaa do dia 27 por hum parlamentar , e huma carta do marechal Massena (documento n.º II) ; que o

governador chamou os officiaes superiores, para ouvir os seus sentimentos sobre aquella proposta ; que o parlamentario foi despedido para ir perguntar quaes heraô as vantagens que se offereciaô á guarniçaô ; e a pag. 28 , que a resposta foi a capitulaçaô , que o marechal mandou pelos dois coroneis Pellé , e Ripper. Neste caso , antes de se saber na praça , quem seriaô os parlamentarios que trariaô aquella resposta , e quaes seriaô as vantagens que se offereceriaô á guarniçaô , como se poderá entender que o Réo podesse sahir da praça , e ir ao rastilho esperar o primeiro chegado , para lhe falar , como jurou a testemunha n.º 6.º ?

Todos os militares , e mais pessoas instruidas sabem que as leys militares prohibem sob pênã de morte , a todo o indívduo de hum exercito , ou guarniçaô , fallar com os parlamentarios , trombetas , etc. , do exercito inimigo : logo se a testemunha vio ou percebeo , que o Réo falou com os parlamentarios , á entrada do rastilho , quando se lhes pozeraô os lenços nos olhos , sem estar authorisado para esse fim , por que o não declarou ao governador da praça , para tomar as precauçoens convenientes ?

Já dissemos , que não ficando o governador Cox , contente com as proposiçoens que lhe enviou o marechal Massena , elejeo , nomeou , e mandou ao campo com os ditos parlamentarios , o capitão Mello , e o Réo , e que este voltou do campo com os ditos officiaes Francezes , com a refutaçaô dos artigos que o governador propôz : seria pode ser entãô , que a testemunha vio falar o Réo , com os parlamentarios , com quem vinha do campo inimigo ; porem o que elles falassem entre si não podia augmentar , ou diminuir as condiçoens que o marechal offerecia por escrito á guarniçaô , nem a sua conversaçãô , que toda hera em Francez , podia ser entendida pela testemunha que não conhece huma só palavra daquella lingua : do que se segue com toda a evidencia , não só a falcidade da deposiçaô desta testemunha ; mas tambem huma prova de que o Réo , voltou do campo á praça , na mesma tarde do dia 27 , como ja se disse a pagina 28.

DEPOSIÇÃO D'ANTONIO ALVARES DO BANHO.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Factos estes que juntos com ter sido o Réo feito coronel no exercito inimigo , como declarou o mencionado Antonio Alvares do Banho nas suas perguntas ,

RESPOSTA.

Já demonstrámos a pag. 28 , que o marechal Massena , deu sua palavra de honra , no dia 27 d'agosto de 1810 , que o Réo seria coronel , e o capitão Jose Pedro de Mello seria major , se depois de ptisioneiros quizessem tomar o serviço : a pag. 36 que o Réo foi metido no numero dos 112 artilheiros , que foraô postos á disposiçaô do general

Eblé, sem que se lhe perguntasse o seu sentimento, e na nota (i) qual foi a sua condição, quando o quizessem aceitar.

Já dissemos a pag. 37, que o Réo teve ordem para seguir o exercito Francez, sem que fosse considerado militar, nem prisioneiro, por não ter ainda chegado a resposta do documento n.º IV, e que mais de quatro mezes depois de estar com os Francezes, foi obrigado pela necessidade, pedir em Torres Novas, hum decisão sobre a sua sorte, ao que nada se lhe respondeo, se não em Cidade Rodrigo, aonde o marechal Massena, recebeu a resposta do Principe de Wagram, em consequencia do que, foi o Réo admitido ao serviço da França no posto de coronel, em Salamánca, no dia 11 d'abril de 1811, por decreto de 16 de fevereiro antecedente (documento n.º V).

Antonio Alvares do Banho, foi hum creado do Réo Jose Manoel de Noronha, que fugio a seu amo de Torres Novas, no principio do mez de dezembro de 1810 (1), tempo em que o Réo, não só não tinha ainda entrado ao serviço; mas nem tinha pedido a decisão sobre a sua sorte: logo o mais que Antonio Alvares do Banho podia declarar, hera que ao Réo, se lhe havia prometido aquelle posto, no caso de querer tomar o serviço, e não que estava feito coronel no exercito inimigo: por consequencia foi falça a declaração.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO.

E o ter sido pedido ao general Massena em Alemquer pelo general de artilheria Deblé, para o acompanhar na expedição que pelo inimigo se intentava fazer contra a provincia do Alem-Tejo, para o ajudar como pratico da mesma, e das posições d'Almada, como declara o mesmo Antonio Alvares do Banho.

RESPOSTA.

O quartel general do marechal Massena, entrou em Alemquer, no dia 12 de outubro de 1810, em 14 soube o general Eblé que o Réo não tinha de que subsistir, e então o fez chamar, e lhe offerecêo a sua menza, como official d'artilheria.

No dia 16 sahio o general Eblé para Santarem, e o Réo por huma razão muito natural, seguiu o seu bemfeitor.

Neste tempo ainda se não sabia, se o exercito Francez havia atacar as linhas, se se havia retirar, ou quaes deveriao ser as suas operações: logo como podia o Réo ser pedido pelo general d'artilheria, para o acompanhar na expedição que o inimigo

(1) Veja-se a sentença proferida contra os desgraçados Portuguezes, que acompanhárao o exercito inimigo, pag. 9, impressa em Lisboa, na officina de João Evangelista Gracez, anno de 1811.

intentava fazer contra o Alem-Tejo, se ainda se não sabia que partido se havia tomar?

Suponhamos por hum pouco que o exercito Francez tinha a fazer algum movimento para o Alem-Tejo, e que nelle se precisava dos conhecimentos do Réo, e que este os queria communicar; neste caso deveria ser o marechal Massena, quem deveria ter o Réo junto a si, para secretamente lhe dar as instrucções, que precisasse, e não o general d'artilheria, que nunca poderia chegar a commandar o exercito, em quanto houvesse Massena, Ney, Junot, e Régner que heraõ generaes em chefe, aos corpos do mesmo exercito.

O primeiro movimento que fez o quartel general do marechal Massena, sahindo d'Alemquer, para Santarem, foi em 14 do novemhro, hum mez depois do Réo ter sahido com o general Eblé; dali sem muito intervallo foi estabelecer-se em Torres Novas; porem sem ter a mais pequena tenção de fazer hum movimento sobre o Alem-Tejo: logo como poderia o Réo ser chamado para hum tal fim, se em tal se não havia pensado? E mesmo quando tal se tivesse projectado, dar-se-hiaõ essas contas a algum Portuguez?

Se Antonio Alvares do Banho, e outros paisanos como elle, se capacitáraõ que o exercito Francez, queria fazer hum movimento sobre o Alem-Tejo, por saberem se mandáraõ construir barcos em Punhete, foi por que ignoraõ o que saõ estratagemas de guerra.

O duque Wellington, e todo o bom militar conhecêo que aquella construcção, foi tão sómente ordenada para enganar os menos peritos na arte militar, e fazer que as forças Portuguezas, e Inglezas, se devidissem á direita e esquerda do Tejo, e não estivessem reunidas em estado de atacarem os Francezes nas suas posições, e os poderem obrigar a retirarem-se de Portugal, antes de lhes chegar o tempo, e a decisaõ que elles esperavaõ; ou mesmo por que estando assim divididas, poderiaõ os Francezes mais facilmente atacar, as tropas que ficassem do lado de Lisboa, e entrar nas suas linhas; mas o duque Wellington soube acautelar tudo isto, enviando á outra banda do Tejo, forças mais para contentar o povo, que para obstar ás tropas inimigas: logo tudo o que Antonio Alvares do Banho declarou, foi mentira, e indigno de se acreditar.

As informações que o Réo deu ao general Eblé, mesmo sobre a estrada de Alemquer, a Santarem no dia 16 de outubro, e os serviços que o Réo fez em quanto esteve em Portugal, junto a este general, foraõ bem differentes daquelles de que fallou Antonio Alvares do Banho, na sua declaração ao Juiz do crime do Bairro do Limociro: sobre os quaes, de passagem, diremos alguma cousa em poucas palavras, e acabaremos estas tão longas respostas a huma tão injuriosa accusação, que a não ser hum ponto de honra para o Réo, merecia mais depreça ser despresada, que respondida.

He bem notorio em Portugal, que muitas religiosas dos conventos de Almoester,

e de Santa Clara de Santarem, com algumas creadas, pays, parentes, e equipagens, indo embarcadas de Santarem, para Lisboa, foraõ apanhadas pelos soldados Francezes, junto a Villa Franca, no dia 12 de outubro de 1810, e que todas estas desgraçadas gentes, depois de roubadas de tudo quanto tinhaõ, em lugar de serem mandadas pôr fóra dos póstos avançados, para continuarem por terra a sua marcha para Lisboa, foraõ mandadas para Alemquer, aonde se achava o marechal Massena, o qual ordenou que as mandassem para Santarem, para onde partirão todas, na manhã do dia 15 de outubro de 1810, pelo caminho que se lhes indicou d'Alemquer para aquella villa.

Na madrugada do dia 16, sahio o general Eblé, d'Alemquer para Santarem, a quem o Réo acompanhou, como ja se disse a pag. 44, e entrando nos pinhaes d'Azambuja encontráráo as freiras, creadas, e parentes, que formávaõ huma longa procissão pelo comprimento daquella estrada, indo humas descalças; outras só com meias, sem sapatos; poucas com sapatos e meias; todas mal vestidas, mortas de fome, e de miseria, como quem havia dias que não comia, e acabava de sahir das unhas dos gavioens de primeira classe: entre ellas havia duas que marchavaõ de gatas, por ja terem os pés tão chagados, que nem mesmo se podiaõ levantar, o que obrigava as outras, a que de espaço em espaço se assentassem para esperarem por ellas, e que assim fosse a sua jornada mais demorada e cada dia mais penivel: falou o Réo a todas estas infelizes, a quem ja tinha conhecido em Alemquer, e immediatamente contou ao general Eblé, o que se passava com todas ellas: este general então cruzando as maõs sobre o peito exclamou: *Meu Deos! he possivel!* E voltando atraz até onde estavaõ as duas mais doentes, disse ao Réo: *Major, fazei entrar na minha carruagem essas que vem de gatas, e no meu furgaõ, e carro de transporte, todas as outras que ahí couberem* (1): determinou huma das suas ordenanças para as acompanhar, e fazer conduzir com respeito até Santarem. Logo que o general chegou a esta villa, mandou examinar se o convento de Santa Clara, estava em estado dellas entrarem nelle, e achando-se ser impossivel pela destruição em que ja se achava, ordenou que se recolhessem onde estivessem com decencia, e que o Réo, cuidasse de as fazer sustentar, e tratar conforme o que as circumstancias permitiaõ naquella occasião, o que assim se fez, e o resto ellas que o digaõ.

Esta foi a primeira expedição em que o Réo acompanhou o general Eblé, e em que como pratico, lhe deu as primeiras informações sobre o que respeitava aos Portuguezes, as quaes foraõ bem differentes das que declarou Antonio Alvares do Banho.

(1) Para dar mos huma prova da humanidade, e honra do general Eblé, podiamos agora fazer menção de muitos successos que elle teve com os Portuguezes, durante a sua estada em Portugal; porem sabendo-se o que ella obrou com estas freiras d'Almota, e de Santa Clara de Santarem, e que hera hum general do tempo de Luis XVI julgemos ser bastante para se conhecer quem elle lera.

Estando o Réo em Santarem, com os destruidores das provincias da Beira, e Estremadura, soube porvia da may do Prior do Santo Milagre, que em casa do administrador dos tabacos daquella villa, havia hum grande e fermoso quadro, com o Retrato de S. A. R. o PRINCEPE REGENTE DE PORTUGAL, o que a casa estava toda pilhada, e inteiramente arruinada; porem que o quarto onde se achava o Retrato, por servir de camara ao official superior que ali alojava, estava ainda sem sofrer o ultimo golpe, e lembrando-se que os inimigos acabariao por fazer a este Retrato os mesmos insultos que fizerao aos de SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS, que o obispo de Viseu tinha no seu palacio, que elle vio retalhados d'alto a baixo pelas catanas dos dragoens, para que não tivesse a mesma sorte, e passasse por aquelle ultraje, arriscou-se a entrar por entre os soldados, e creados de quantos officiaes ali alojavao, foi até ao dito quarto, fallou ao chefe que ali se achava, e pediu-lhe que lhe fizesse a graça de o deixar sahir com aquelle quadro, poisque hera o Retrato da Pessoa do seu maior respeito. O official atento e generoso, depois de lhe mostrar alguma dificuldade, e fazer algumas reflexoens, lhe disse: levaio; e vendo o respeito com que o Réo o tomou entre os seus braços, lhe repetio: eu conheço que esse Retrato he o do vosso Rey, ao que o Réo respondeo: sim senhor he, e por isso o venho buscar para o pôr em parte aonde seja conservado como merece, e entao o levou, e o entregou ao Prior da igreja do Santo Milagre, para o guardar em casa de hum medico seu cunhado e parente do mesmo administrador: toda a familia deste medico, e outros Portuguezes foraõ testemunhas deste facto. O retrato la ficou salvo, sem passar pelo desacato dos de Viseu.

Estes, e outros muitos semelhantes procedimentos que o Réo teve com os seus patricios, durante que se conservou com o exercito Francez em Portugal, provaõ bem quanto differente foi o modo com que elle acompanhou, e ajudou aquelle general como pratico, e que só se ocupou em fazer cousas dignas de hum homem de bem, e não em servir como Antonio Alvares do Banho o declarou; poisque hera preciso ser de hum taõ baixa classe como elle, ou ter os seus sentimentos, para fazer, ou pensar o que elle declarou contra o Réo.

Se os desejos do Réo tivessem sido aquelles de seguir o partido dos inimigos da sua patria, não teria elle escrito a carta que escreveo de Santarem, nos fins do mez de dezembro de 1810, ao Exellentissimo Principal Sousa, hum dos governadores do reino, onde lhe protestava, que não obstante estar entre os Francezes, jamais os auxiliaria, nem tomaria armas contra o seu paiz (1), e depois que entrou em Espanha, e que em Salamanca, começou a ser considerado e tratado como official militar, nunca

(1) Esta carta foi entregue a humas das religiosas do convento d'Almoster (dona Josefa, companheira de dona Antonia, esta irmaã do prior do convento da Graça de Santarem) aqual lhe deu sua palavria de a entregar logo que se visse livre das maos dos Francezes, onde estava prisioneira nesta villa, assim como muitas outras religiosas, e mais pessoas.

fez serviço algum, nem foi empregado contra esta nação, por assim o haver pedido ao general em chefe d'artilheria, atendendo a ser então esta nação, aliada intima da sua, e a andarem juntos os seus exercitos, trabalhando por huma mesma causa, o que se prova com o documento n.º VI, e mesmo depois de entrar em França, ainda com elle se continuou a ter toda a contemplação, como se prova pelo documento n.º VII, no qual o general d'artilheria lhe ordenou, que no caso que o quartel general do exercito viesse a fazer algum movimento, elle continuaria a ficar em Bayonna, e receberia as ordens do coronel director do grande parque; tudo isto para evitar que o Réo tivesse huma só occasião de entrar em acção contra os seus patricios, e faltar-se-lhe assim ao protesto que se lhe tinha feito, de nunca ser empregado contra elles.

CONCLUSÃO.

Fica plenamente demonstrado ter sido o Réo o author daquella desgraça, e perca da praça, sendo causa da morte de tantas famílias, e a render-se a mesma, que da sua resistencia por mais algum tempo, se seguirião tantas vantagens sobre o inimigo; pelos quaes factos praticados pelo mesmo Réo, tanto antecedente, como subsequentemente á referida explosão, bem se deixa ver que não foi o acazo que a produziu; porem sim a maldade, em que este monstro de iniquidade se desenvolveo.

RESPOSTA, E CONCLUSÃO.

Toda a demonstração, que tem por origem falços principios, he falça no seu resultado. Nós temos provado a falcidade dos depoimentos das testemunhas que servirão de originaes principios para aquella demonstração: logo sendo falços os principios sobre que ella se estribou, tambem a demonstração he falça no seu resultado, e por consequencia fica provado que o Réo, não só não foi o author daquella desgraça; mas que bem pelo contrario, fez antes della, tudo quanto se podia fazer de bom, para alongar a defensa da praça d'Almeida, acautelar e conservar as vidas, dos seus habitantes e guarnição; e que em nada concorreo para a sua rendição, á qual se opôz quando se tratou della no conselho de guerra, e em fim que mesmo depois de ja estar prisioneiro, sempre se empregou em fazer o bem que pôde aos seus patricios, fazer conservar com respeito a memoria do seu Soberano, e em não tomar armas contra a sua patria, nem contra os seus aliados: serviços aquelles, e obras estas, que provaão bem que a desgraça do castelo d'Almeida, foi produzida por hum acazo, e não por que hum homem cheio de humanidade, honra, e sentimentos patrioticos, se podesse transformar e desenvolver em hum monstro de iniquidade, como desgraçadamente foi julgado e apresentado aos olhos do seu Principe, e a toda a sua nação; ficando por isso degradado do nome Portuguez, e de todos os sens bens, e honras, que tanto lhe custarão a ganhar no espaço de mais de 31 annos de serviço.

NOTAS.

(a) Não havendo em Portugal, regulamento, ou determinação sobre a maneira de se approvisionarem as praças de guerra, em tempo de sitio, são os officiaes d'artilheria obrigados mendigar estes conhecimentos entre os estabelecimentos das nações estrangeiras, que os tem determinado sobre principios tirados da experiencia, comparando a sua praça, com huma daquellas que se achão nas mesmas circumstancias, ou tambem calculando-lhe o seu approvisionamento sobre as bases, e pontos estabelecidos, por Vauban, Gassandi, Carnot, etc. Foi seguindo estes principios que Barreiros, calculou o approvisionamento da praça d'Almeida, que o apromptou, e arranhou nos dois depositos geraes, e em todos os paioes das differentes baterias da praça.

O approvisionamento para as peças dos grossos calibres, que devem servir na defesa de praças como Almeida, está estabelecido sobre o calculo de oito dias de investissimento, e vinte dias de sitio, de 700 a 900 tiros por boca, e para as peças dos menores calibres a 600 tiros para cada huma; porem em Almeida foi limitado o numero para aquellas a 600 tiros, e para estas a 400, atendendo a que o numero de cartuxos que diariamente se consumiaõ nas baterias, hera preenchido por hum igual numero, que se construia no laboratorio, e entrava nos paioes particulares, sem se tocar no approvisionamento que estava reservado para o gasto dos dias, em que as circumstancias não prmitessem continuar-se aquella construcção, e por esta forma, ainda que se alongasse o tempo do investissimento, e mesmo o do sitio, nunca poderiaõ chegar a faltar as munições.

Os commandantes particulares das baterias, heraõ obrigados a fornecerem-se do laboratorio, todos os dias pela manhaa e de tarde, de hum numero de cartuxos igual aos consumidos durante a noite e o dia, e a darem partes diarias por escrito, das quantidades consumidas e seus calibres, aos capitaens commandantes das suas respectivas divisoens, das quaes cada hum destes, formava huma parte para o commandante d'artilheria, por cujo meio, e pela parte que todas as noites tambem dava a este, o sargento do laboratorio, se sabia sempre com exacção, que munições se gastavaõ nas baterias, faziaõ no laboratorio, e ficavaõ em reserva. O governador da praça hera instruido de tudo isto pelo commandante d'artilheria.

(b) O approvisionamento para os obuzes, e grossos morteiros, foi contado a 500 tiros por boca, e aquelle para os pequenos a 600; as espoletas de bomba foraõ graduadas, para se cortarem á proporção dos tempos necessarios; as de ouvido foraõ feitas contando hum decimo sobre o numero dos tiros calculados para o total das bocas; os botafogos de composição, foraõ feitos em numero igual ao quarto das espoletas de ouvido; as tranças de murraõ, a razaõ de duas toesas por dia para cada face, ou flanco; o numero de lanternetas, igual ao terço para os grossos calibres, e ao quarto para os menores, e os tacos a dois por tiro.

Assim como a artilheria destinada para a defesa das praças, deve ter dimensões próprias para esta applicação, e ser distribuida, e collocada com respeito, á frente ou frentes susceptíveis do ataque, assim tambem deve ser fornecida com relação aos diferentes fins da defesa.

Todos os authores que tratao do ataque de praças, mandao abrir a trincheira, ao mais, na distancia de 300 toesas da praça que se ataca; eos que tratao da defesa de praças, mandao que na abertura da trincheira, se atire sobre os trabalhos de sitiante com todas as peças, pequenas cargas, e a ricochete.

As cargas determinadas para atirar a ricochete á distancia de 300 toesas, estão comprehendidas para as

PEÇAS de	24.	16.	12.
cargas de	28 a 40 onças.	20 a 36 onças.	12 a 36 onças.

Porem em Almeida, as cargas para este fim foraõ feitas pelo sexto do peso das balas, hum pouco maiores que as assima, isto atendendo á menor força da sua polvora.

O numero de linhas de *hausse* augmenta ou diminue conforme acarga.

Todos os authores que tratao do ataque das praças, marcao as distancias em que devem ser estabelecidas as baterias do sitiante, e jamais as mandao postar fora do alcance de ponto embranco primitivo, das peças de 24, salvo se as circumstancias obrigaõ a outra consa.

O alcance de ponto embranco primitivo, nas peças carregadas pelo terço do peso da bala, determinado por M.^r Lebrun, he nas peças

CALIBRE de	24.	16.	12.	8.	4.
á distancia de toesas.	300.	260.	240.	220.	200.

E como as cargas determinadas para as baterias que defendem as praças, e que daõ ás balas as velocidades necessarias (de 1000, a 1200 pés por segundo), para preencherem os objectos da defesa, chocando o alvo a 300 toesas, são nas

PEÇAS de	24.	16.	12.
cargas de	4 a 7 arrateis.	44 a 64 onças.	28 a 48 onças.

E estas cargas são hum pouco mais pequenas, que aquellas determinadas para o alcance de ponto-embranco primitivo de M. Lebrun : em Almeida, pela razão assima dita.

e para melhor se assegurarem os effeitos sobre as obras do inimigo, fizeram-se estas cargas pelo terço, e pelo quarto do peso das balas, dos respectivos calibres.

E foi assim, e em consequencia destes principios e bases já estabelecidas pelos atacantes, e defensores das praças, que Barreiros formou o seu plano de fornecimento para a defesa da praça d'Almeida, e que fez servir a sua artilheria em todo o tempo que a hi esteve de guarnição.

(c) A divisaõ, distribuiçãõ, e serviço que se destinou, e fez na praça d'Almeida, durante todo o tempo que o inimigo esteve á vista della, foi conforme o que determina Le Febvre, nas suas obras completas, author a quem o governador Cox seguia muito; porem o que Barreiros apontou foi o seguinte: A guarnição deverá ser dividida em tres partes, para ter huma de guarda, outra prompta no quartel ou abobedados das portas, etc., e a terceira em descanso: aquella que montar guarda deverá ser dividida em tres partes, duas destas para fazerem a guarda dos póstos atacados, e a terceira para fazer a guarda dos outros pontos da praça.

Aquella porção prompta no quartel ou abobedados, tambem será dividida em tres partes, e estará prompta para socorrer a que estiver de guarda, em caso de precisaõ.

A que estiver em descanso só fara serviço na ultima extremidade.

Os dois terços do numero dos que estiverem de guarda aos póstos atacados, farão fogo durante as duas primeiras horas da noite, e depois successivamente será rendido hum terço, de hora a hora, por aquelle que ficou de resto, isto todo o tempo que durar a noite. Durante o dia, basta que 8 ou 10 homens entretenhaõ o fogo, postados nos angulos salientes do caminho coberto.

A cavallaria será dividida em tres partes, da mesma forma que a infantaria; e aquella parte que estiver de guarda, se postará no fosso metade á direita, metade á esquerda dos póstos atacados; aquella parte que deve estar prompta para socorrer, em caso de precisaõ, estará nas praças ou lugares proximos ás porternas, para poder sahir ao fosso: aquella de descanso terá os seus cavallos sellados durante o dia, e prompta para montar a cavallo.

Os serventes d'artilheria ficaraõ 24 horas nas baterias, e seguiraõ a escala do serviço destinado para os artilheiros.

(d) Sendo da melhor ou peor collocacão d'artilheria, n'huma praça de guerra, que depende em grande parte a sua defesa: todo o bom artilheiro deve enidar em que ella seja distribuida e collocada de modo, que possa opôr ao inimigo hum fogo, ao menos igual áquelle das suas baterias, afim que elle lhe não seja superior neste ponto, que he hum dos mais essenciaes no ataque das praças. A artilheria na praça d'Almeida, foi distribuida, e collocada de huma maneira tão vantajosa, que o mesmo inimigo o confessou na conta que deu ao seu governo, na qual diz: Na manhaa de 26 principiou o fogo das nossas onze baterias, ellas tinhaõ o triplo objecto d'infiar, ricochetar os re-

paros, e de os contrabater; em fim tres dentre ellas deviaõ bater em brecha, e ar ruinar o baluarte de S. Pedro, com as meias luas colateraes de hum distancia de 150 á 180 toesas. O nosso fogo tomou pelas suas direcções convergentes alguma superioridade sobre aquelle do inimigo, que nos opunha com tudo hum maior numero de peças. *Moniteur universel*, n.º 260 le 17 septembre 1810. Paris, le 16 septembre. *Rapport sommaire des opérations du siège d'Almeida*.

Pelo que se deixa ver, que Barreiros collocou a artilheria da praça d'Almeida, com vistas de a defender methodicamente, e não de se render, sem lle levar a sua defenza até ao ultimo extremo.

(e) Depois da desgraçada explosão do armazem d'Almeida, não atirou esta praça, mais nem hum só tiro; e o inimigo sem discontinued, seguiu com o fogo de todas as suas baterias, até as sete horas da manhaa do dia 27, que derrepente o parou, para enviar á praça hum parlamentarico com hum carta ao governador, offerecendo-lhe hum honrosa capitulação (documento n.º II.).

A novidade do inimigo parar o seu fogo, e a vóz que se espalhou que vinha hum parlamentarico para a praça, fez que muitos milicias, e alguns soldados do regimento n.º 24 deliberadamente mostrassem que não querião continuar a defenza, lançando fora as armas, correias e cartuxos, mesmo á vista dos seus coroneis, e mais officiaes superiores, que se achavaõ juntos á sahida das casamatas, onde foi cometida aquella fraqueza, sem que os rogos, ameaços, e diligencias de todos estes officiaes, fossem capazes de os embaraçar de levarem ao fim o seu despotismo.

Achou-se Barreiros, nesta occasião entre o numero destes officiaes, e como elles fez tudo quanto pôde por evitar aquella desordem; mas sem fructo. Este successo tão inesperado, deu motivo a que Barreiros, o tenente coronel do 24 Bernardo de Figaredo, e o tenente coronel da praça Robalo, se pozessem a hum lado, a admirar aquella absoluta, e a criticarem o procedimento que na mesma manhaa havia tido o tenente rei, com a carta escrita ao governador, aconselhando-o para que pedisse hum capitulação, ao mesmo tempo que a outro lado questionavaõ os tres coroneis de milicias, com o tenente rei, sobre as frivolas razoes que elle alegava para que a praça capitulasse: neste tempo entrou o parlamentarico, e foraõ todos chamados ao quartel do governador, para este lhe communicar o que se lhe propunha.

Quando todos tinhaõ entrado e estavaõ atentos, o governador lhes disse: Que o general Francez vinha de enviar hum parlamentarico á praça, offerecendo-lhe hum honrosa capitulação; que elle os havia chamado para ouvir os seus sentimentos, e em consequencia delles dar a sua resposta

Foi o tenente rei, o primeiro que falou dizendo: Que a praça estava arruinada, que ja não podia resistir mais tempo, e que o povo pedia capitular, como elle lhe havia ja
dito

dito na sua carta de pela manhaa; ao que o governador respondeo : O povo que pede a capitulaçãõ , saõ as mulheres entre quem V. S. sempre tem estado metido , e não pode ter outro sentimento que o dellas ; e olhando para Barreiros , lhe perguntou o seu parecer , o qual respondeo : Nós não estamos ainda no estado de nos rendermos , temos hum deposito cheio de cartuxame d'artilheria , e infantaria , na casamata aos quarteis velhos ; os artilheiros não estaõ todos mortos , nem feridos mortalmente ; ainda temos meios de defensa , he preciso empregalos.

Os tenentes coroneis Figaredo, e Robalo, foraõ do mesmo sentimento que Barreiros, e os tres coroneis de milicias, Arganil, Trancoso, e Guarda, seguindo o mesmo parecer, só observáraõ a difficuldade que haveria em se poder vencer que os seus soldados quizessem tornar a tomar as armas, ao que o governador respondeo : Far-lhes-hemos a diligencia, afim de ganhar tempo para sermos socorridos.

E se o não formos? perguntou o tenente rei; Entaõ capitularemos, respondeo o governador: Pois se havemos capitular ao tarde, he melhor capitular ja, que nos offerecem huma vantajosa capitulaçãõ, tornou a dizer o tenente rei.

E quaes saõ essas vantagens que nos offerecem agora? disse o tenente coronel Figaredo. Não sei, respondeo o governador, que ainda as não perguntei; e voltando outra vez para Barreiros, lhe disse: Senhor commandante d'artilheria, quaes saõ as condiçoens mais vantajosas, no caso de se capitular? Barreiros respondeo: Sahir com armas, bagagens, artilheria ligeira, etc., a reunir-nos ao nosso exercito.

E a não se permitir isso, replicou o governador: Ficar prisioneiro, sahindo com armas, bagagens, e as honras da guerra, repetio Barreiros: E a não se conceder isso? Replicou o governador segunda vez: Entaõ morrer sobre os terraplenos, respondeo Barreiros ardendo em colera, e assim sahirãõ todos, o governador a perguntar as condiçoens da offerecida capitulaçãõ, e a despedir o parlamentar, e cada hum dos sobreditos officiaes superiores aonde lhes conveio.

(f) O marechal Massena, tinha tanto empenho em que a guarniçaõ d'Almeida, ficasse ao serviço da França, que logo que os seus parlamentarios entrãõ na praça, ordenou ao general Alorna, que acompanhado de outros generaes, e officiaes Francezes, e Portuguezes, fosse sobre as explanadas, fallar á guarniçaõ, e dizer-lhe da sua parte: Que assim que a praça se rendesse, elle os tomaria todos ao serviço, em lugar de os mandar prisioneiros para França, como assim acontecêo. Documento n.º III e IV.

(g) A obediencia que Barreiros teve ainda no ultimo momento, á ordem que lhe deu o governador Cox, foi causa da sua desgraça; pois que se elle não tivera ficado na praça, como este lhe determinou, e tivera sahido da mesma forma que os seus ca-

maradas, já os seus inimigos não terião tomado hum tal motivo para o accusarem; porem buscarião outro, por que elles não dormem. Quando se souber quem são os poderosos inimigos do Réo, e o motivo por que elles o perseguem, admiraraõ até que ponto chega a maldade daquelles homens.

(h) O projecto de se tomarem ao serviço as tropas da guarnisaõ d'Almeida, não foi huma cousa lembrada depois da explosão do seu armazem, por que nós vimos na carta, que o general Loison escreveu ao governador da praça, em 24 de julho, dia em que lhe fez o seu investissimento, que lhe dizia da parte do marechal Ney, que hera quem dirigia aquella operaçãõ: Que se lhe rendesse a praça como se lhe pedia, o receberia a elle governador (cuidando que hera Portuguez), e a toda a sua guarniçaõ ao serviço, para ficarem na mesma praça.

Neste tempo achava-se o marechal Massena em Salamanca, como se vê pelo documento n.º I datado daquella cidade: logo se estes dois marechaes de França, em differentes tempos, e em bem differentes circumstancias, ambos offerecerão o serviço áquellas tropas, foi por que havia huma causa constante que lhas pedia para hum certo fim, este fim até hoje ainda não foi descoberto; mas sabe-se que em hum, e outro caso figurou o general Alorna, como primeiro mobil. Veja-se a gazeta de Lisboa, n.º do mez de setembro de 1810, e note-se que estando ahí copeada aquella carta, falta huma P. S. que tratava do general Alorna, e dos outros officiaes Portuguezes, que estavaõ no exercito Francez.

(i) Barreiros foi avizado em Almeida, pelo capitão D. Jose Tancos, ajudante d'ordens do general Alorna, de que no numero dos artilheiros que tinhaõ tomado o serviço da França, tambem se tinha contado com elle, como commandante daquelle destacamento, ao que Barreiros respondeo: Que elle só tomaria o serviço, com a condiçaõ de nunca ser empregado contra a sua patria, e para que a cousa se entendesse como devia ser, immediatamente escreveu huma carta ao general Alorna, de que foi portador o mesmo D. Jose Tancos, em que lhe protestava aquillo mesmo que acabava de dizer, e lhe pedia huma resposta para seu governo.

Esta carta foi escrita em casa do ajudante Figaredo, do regimento de milicias d'Arganil, e lida perante este, o capitão Tancos, e hum capitão cujo nome nos não lembra (sabemos que hera de Coimbra, e estava adito á primeira companhia do sobredito regimento), aqual desde ali foi logo enviada ao general Alorna.

Não tardou a resposta que se pedia, porque no outro dia, 5 de setembro, veio o capitão Tancos, e disse a Barreiros, da parte do general Alorna: Que este lhe louvava muito o seu modo de proceder e pensar, por ser assim que tambem pensavaõ todos os Portuguezes que se achavaõ junto a elle, e que quando elle general, fosse a Almeida, pessoalmente lhe daria provas de quanto estimava a sua proposiçaõ.

Tres dias depois, alcançou Barreiros licença do governador da praça, para ir ao

quartel general do exercito ; dirigio-se a aldeia de Val de la Mula , falou ao general Alorna em casa do marechal Pampelona , repetio-lhe de viva voz , tudo o que ja lhe havia communicado por escrito , pelo que novamente foi louvado , e aprovado pelo sobredito general ; e até recebeu elogios do Pampelona , e de sua mulher , por fazer conhecer taõ positivamente os seus sentimentos.

Barreiros, capacitou-se que aquellas espreçoens do general Alorna, heraõ sinceras, e nascidas de hum coração que amava a sua patria , por ver que tanto neste dia , como na tarde do dia 27 d'agosto , em que elle sahio da praça , a tratar da capitulaçãõ , e que aquelle general o acompanhou desde as explanadas, a té a o moinho de vento , sempre lhe protestou, que todo o seu desejo hera de que a sua nação ficasse livre, e contada como dantes, na ordem das naçoens da Europa (1) ; e o que ainda mais capacitou Barreiros, da senceridade daquellas, fallas foi lembrar-se, que se o general Alorna, naõ fosse do partido da sua nação , em lugar de se empenhar com o marechal Massena , para que os milicias fossem para suas casas , se empenharia para que os fizesse entrar prisioneiros em França ; em lugar de se convidarem as tropas de linha para tomarem o serviço sobre a fronteira , enviaslas prisioneiras para França , e depois fazelas convidar lá, para augmentar os corpos da legião do seu commando ; e em lugar d'elle tirar desta legião , alguns officiaes superiores , e outros officiaes que o acompanháraõ a Portugal, pedir corpos inteiros para com elles apoiar o seu partido (2) ; porem elle que naõ fez enviar ninguem para França , e que sómente se contentou de pedir alguns officiaes sem corpos , de sua confiança , e de chamar ao seu partido em Portugal, outros , que elle julgou dos mesmos sentimentos , certamente naõ hera para se bater contra a sua patria , nem para formar hum partido contra ella , principalmente com homens que acabavaõ de sahir de hum praça, onde estavaõ promptos a perder as suas vidas pela defenza , e independencia da sua nação : isto foi o que Barreiros pensou , e o por que tanto se confiou nas expreçoens daquelle general , a quem nunca vio fazer cousa que desmentisse este conceito.

Depois que Barreiros fallou com o general Alorna , partio para o campo do grande

(1) Estas fallas heraõ relativas ao tratado assignado em Fontainebleau, entre D. Eugenio Esquierdo , e o marechal Duroc , no qual se acha o segundo artigo , que respeita a Portugal da maneira seguinte :

Portugal neste momento está em poder dos Franceses ; as communicações que estes teraõ com este reino , exigiraõ humma estrada militar , e humma passagem continua por Espanha , as tropas destinadas para guarnecerem Portugal , e defendelo contra os Inglezes. Esta passagem terá por inconveniente , causar muitas ruinas , desgostos , embarços , e pode ser derá lugar a muitas dissençoens. O meio de evitar este inconveniente sera sendo Portugal cedido em toda a sua propriedade á Espanha , e que esta ceda á França , em compensação as provincias contiguas a este Imperio. (*Exposé fidele des raisons qui determinerent Ferdinand VII à se rendre à Bayonne, dans le mois d'avril 1808*, page 135.

(2) Se o general Alorna tivera empenho em levar a Legião Portugueza no exercito de Massena. pode ser que nem Napoleão , nem ella se lhe recusassem para esse fim. Veja-se le *Moniteur Universel*, 24 septembre 1809, Paris, le 23 septembre.

parque, e fez a mesma profestação ao general Eblé, á desposição do qual tinhão sido postos todos os artilheiros Portuguezes : este general recebeo, e aprovou tambem com toda a satisfação aquella proposta, diante do seu ajudante d'ordens Jof, o commandante Ferre, chefe do estado maior d'artilheria, e outros officiaes da mesma arma, em consequencia do que, quando Barreiros veio a ser admitido ao serviço, sete mezes depois, nunca este general, nem o seu immediato o mandaráo empregar em serviço algum, durante todo o tempo que o exercito Francez fez, a guerra na Peninsula.

(k) Barreiros sahio d'Almeida, com muito pouca roupa em huma pequena mala, na idea que o exercito Francez, retrogradaria a tomar posiçoens sobre a fronteira, antes de passar ás planices de Coimbra; porem enganou-se, e aquella pequena mala foi-lhe roubada em Punhete, no mez de dezembro, o que o pôz no estado de merecer a cômpanha d'alguns Portuguezes, que o beneficiaráo por isso. Entre elles lembramos em Santarem, o P. Vigario geral desta villa, que lhe mandou fazer em sua casa hum pantaloão para se vestir: as freiras mencionadas a pag. 45 e 46, que lhe fizerao alguns pares de meias, e o recolherão em sua casa, onde esteve dois dias descalço esperando que se lhe concertassem as unicas botas que os Francezes lhe deixárao: todas estas gentes, e o P. presidente do convento da Graça, o Prior do Santo Milagre, e toda a sua familia, saõ testemunhas que Barreiros nomeia para justificar a sua verdade.

Em Tórres Novas, Bernardo Correia, sua mulher, e seu filho José Bernardo; Alvaro de. que vivia junto á ponte, João Lobo, e outros que estes nomearao, saõ outros tantos indvidos que apontamos para que declarem as circumstancias em que conhecerão Barreiros, ate ao dia 5 de março de 1811, em que elle seguiu o exercito Francez na sua retirada, e eutaõ se conhecerá que elle não hera tratado, nem considerado como militar, nem se communicava com os Francezes.

(l) Não podêmos conhecer como fosse possivel ter Jose Bernardino, dez mil cruzados em caixa militar, para entregar aos Francezes, quando elle não teve dinheiro para se fazerem os pagamentos á guarnição, aquem se ficou devendo huma parte do soldo do mez de junho, e os mezes de julho, e agosto por completo.

(m) Todo o militar conhece, que huma praça vem á ser rendida quando o sitiante, por huma rotina ordinaria, faz os seus aproches; estabelece as suas baterias, para destruir as defensas; toma o caminho coberto, ou d'insulto, ou pela sapa; abre as galerias, derruba a contraescarpa, enche o fosso, e passa ás obras avançadas, que elle tem batido em brecha (não obstante huma vigorosa resistencia que a guarnição lhe tenha sabido o pôr); que depois dos exteriores levados, muitas vezes sem ser por assalto, a hi se estabelece, bate o corpo da praça, abre brecha, enche o fosso, e
arranja-se

arranja-se para dar o assalto, que tambem muitas vezes não tem effeito por se render a praça quando se chega a este ponto, como fez Cidade Rodrigo no dia 10 de julho de 1810), desgraça que succede a todas as praças que não são socorridas a tempo: ex o fim que havia ter Almeida, se lhe não tivera rebentado o armazem.

(n) Depois que apparecêo em Elvas, o Diario abaixo copeado, huma grande parte dos officiaes do regimento d'artilheria n.º 3.º zelosos dos elogios nelle concedidos a Barreiros, tratárao (sob a direcção do seu chefe, inimigo declarado da gloria de Barreiros), de o desacreditar, e obrigar a que responde-se em hum conselho de guerra, a accusações tão falças como indignas, deque elles foraõ os authores, e as testemunhas, e do qual o resultando foi o seguinte,

Fortunato José Barreiros, Major aggreddo ao Regimento d'Artilheria N.º 3.º foi accusado de ser sectario dos *Francezes*, falto de religião, extorquidor da Real Fazenda, quando dirigio o trem da Praça d'*Elvas*, e governou o Forte de *Santa Luzia*; mas tanto em hum Conselho de guerra, como em huma Commissão especial da Relação fez as correspondentes provas da sua innocencia, bons serviços e patriotismo; e por isso foi mandado soltar para ter a competente reintegração no seu Posto Militar. (*Gazeta de Lisboa, Segunda feira 5 de março de 1810.*)

Do que se deve concluir, que existindo como existem, aquelles inimigos, não pode haver difficuldade em crer, que aquelle chefe, e os seus protectores tenhaõ continuado a buscar todos os meios possiveis para effectuar a desgraça de Barreiros.

DIARIO DE BADAJOZ

DEL MARTES 27 DE DICIEMBRE 1808.

San Juan Apostol y Evangelista.

ESPAÑÓLES.

LA Aurora de nuestra libertad está rayando: el tirano que creyò subyugarnos, quando nos creyera adormecidos, desconfió al vernos despiertos, tembló al vernos unidos á la benefica Inglaterra, y ya los valientes esfuerzos de la Lusitania le hace esperar su ruyna.

En el momento pues, que esta Nacion vecina y amiga une sus cohortes á las nuestras, y el triple grito de *libertad* resuena confundido, seria un crimen sepultar en el olvido los patrióticos esfuerzos de algunos valientes Portugueses, que oponiendo la barrera incontrastable de su valor y patriotismo, á los despoticos esfuerzos del tirano de la Francia, aseguraron la independencia de sus hogares, la libertad de sus hijos, la soberania de sus Reyes y el esplendor augusto de nuestra Religion sagrada.

Entre estos merece particular mencion el Sargento mayor del Regimiento Núm. 3 de Artilleria Don Fortunato José Barreiros; quien se propone arrostrar peligros, vencer obstáculos y sacrificar quanto tiene dulce y amable la vida en obsequio de su Nacion y Principe, huyendo de la Corte de Lisboa, donde un perfido Ministro trata de seducirle é inclinarle á permanecer y decidirse por la causa francesa: Yelves era en aquella época la residencia de su Regimiento; Yelves no estaba aun mandado por los franceses, y esta debia ser la cuna de sus valientes proyectos; pasado un corto tiempo, esta Plaza recibe á su pesar Guarnicion y Gobierno enemigo, y el mérito de nuestro digno Oficial, conocido por los tiranos, cuya política es seducir al fuerte para oprimir al débil, les obliga á darle el mando del fuerte de Sta. Lucia; desde aqui protege á los habitantes de aquella Plaza, les evita daños, les suspende castigos, y su alma grande presagia al momento feliz de poder hacer algo mas: este llega en la sublevacion de España, que escucha arrebatado de placer nuestro Portugues; una correspondencia abierta con el General de la Estermadura Española, es el primer cimiento del Gigante edificio que delineá para su libertad Nacional: el Dr. D. Patricio Luis Pereyra de Silva, Juez de fora de Yelves, mas leal, quanto mas perseguido; Antonio de los Santos Montero, á quien su patriotismo conduce hasta el palo del suplicio; Don José Joaquin Nuñez Rivero, que todo lo propone á la fidelidad de su Principe; y otros dignos Portugueses cooperan á tan sagrados designios en la conduccion de sus avisos. Con Don Daniel Nuñez Rivero dispone, y aun protege nuestro Barreyros la huida y desercion de oficiales y soldados; y no satisfecha su alma generosa trata con el teniente Don Antonio Vellés Barreiros, que comandaba la Artilleria del fuerte, entregarle con toda la guarnicion francesa en el momento que se presentase oportuno, dando para ello las mas eficaces y activas disposiciones; pero el destino, que no siempre es protector de la virtud, impide que pueda verificarse este proyecto, igualmente que el de entregarle por sorpresa á quien se le mandase, á cuyo fin de orden del General Gallazo permaneció en el fuerte hasta 13 de Setiembre, y disponiendo entretanto aquella alma virtuosa la Artilleria y municiones para que en caso de sitio se hiciese el menor daño posible en los sitiadores.

Aun hace mas: el 15 de Agosto le convidan á comer con toda la oficialidad francesa en obsequio del cumple años de Napoleon; llega el momento de que estos esclavos presten el servil homenaje á su señor briadando á su salud, y Barreiros que

2.º Que sendo as proposições da testemunha, n.º 2.º, diferentes das da primeira, e também referidas, huma á desconfiança geral da guarnição (daqual ninguém tratou se não esta testemunha) e outra ao dito de Joaquim Sachota, também esta deposição não prova nada contra o Réo, por ter a sua origem em ditos de pessoas que não foram perguntadas, a excepção do Sachota, que se remete aos ditos do Réo Ioaô da Gama, que de hem huma forma podia ser ouvido.

3.º Que sendo as oito proposições de Joaquim Sachota, que depoz de baixo do n.º 8.º do summario, também todas diferentes, e referidas, (a excepção da segunda proposição) ao que lhe dissera, e communicou o sobredito Réo Gama, também não prova nada contra o Réo, por que mesmo quando o Réo Gama fosse perguntado, e confirmasse aquelle dito, isso não hera bastante, para provar aquelle delito. Huma só testemunha não faz prova.

4.º Que sendo as tres proposições da testemunha n.º 6.º e as duas de Antonio Alvares do Banho, também todas diferentes, e não tendo nada de commum com as deposições das outras testemunhas, por isso mesmo também não prova nada contra o Réo, nem ellas fallárao huma só palavra sobre a explosão do armazem d'Almeida, nem sobre a desconfiança geral da guarnição, ou suspeitas sobre ter sido o Réo, o motor daquella desgraça.

5.º Que não se podendo provar ao Réo, o crime que lhe inventárao, foi preciso que os Juizes, o tirassem por huma consequencia, dizendo: *Pelos quaes factos praticados pelo mesmo Réo, tanto antecedente, como subsequentemente á referida explosão, bem se deixa ver que não foi o acazo que a produziu; mas sim a maldade em que este monstro de iniquidade se desenvolveo.* Este remate da sentença, *bem se deixa ver, que não foi o acazo que a produziu*, he ainda mais huma razão que prova que os mesmos Juizes lhes não acharáo culpa para o condenarem, e por isso a tirárao por huma consequencia.

6.º Que tendo sido o crime pelo qual o Réo foi sentenciado hum facto de tanta publicidade e importancia, até hoje ainda se não descobrio como foi feita aquella correspondencia com os Francezes; nem quem foram os seus corréos; nem como, quando e aonde recebeu o dinheiro de que fallou o Sachota, ou que destino lhe deu, e nem mesmo tem havido escritor amigo, ou inimigo dos Francezes, que no espaço de mais de quatro annos, que tanto se tem passado desde aquelle tempo até agora, que tenha fallado de semelhante facto, como resultado de huma traição, do que se segue em suma, que se ao Réo se lhe formou hum tal crime, foi por que lho quizerao formar, e não por que jamais honvesse causa, ou motivo para se fallar de huma falta que nem mentalmente existio. Em seguida do que dizemos sem rebuço: Que se os inimigos de Barreiros, como homens perversos, e indignos da sociedade racional, se lembraráo de lhes manchar a sua reputação, fazendo passar de huns a outros a noticia de hum procedimento, que horrorisa a natureza, he por que a vileza dos seus sentimentos os tem habilitado a transformar em crimes, as acções mais innocentes, sem respeito nem lembrança, de que pelas mesmas condições, e maneiras que propozeráo para a poyar as suas maldades, fazem conhecer a falcidade, e mesmo a impossibilidade das suas proposições.

Barreiros, tem cumprido em mostrar ao seu Principe, á sua nação, e ao mundo inteiro, que elle em nada faltou aos seus deveres, agora de resto avalei-o cada huma como quizer, que elle está satisfeito em ter a sua consciencia socegada.

Le véritable bien ne se trouve que dans le repos de la conscience, tous les autres sont imaginaires.

ESPRIT DE SENEQUE.

ha nacido libre, y en cuya alma no se han gravado aun las marcas de la esclavitud; no solo se escusa á pretextos de no usar el vino, sino que permanece sentado al tiempo que todos se levantan para brindar entre las voces de *Viva el Emperador*; esta accion le atrae un sin número de malos tratamientos, que mira con un desprecio igual á aquel con que recibe sus ofertas. El Gobernador frances Girod de Novilard le promete en nombre del Duque de Abrantes el honorífico destino de Coronel con otras muchas gracias si defiende con constancia el fuerte que le estaba confiado, y le entrega la cantidad de 400050 rs. para compra de generos y pago de tropas; pero nuestro oficial viendo en aquellas monedas el sudor de sus compatriotas, arrancado en el saqueo contrivucionario huyese con ellas á la Ciudad en la mañana del 13 de Setiembre, y dandolas el destino merecido las deposita en manos del Juez de fora á beneficio de aquel pueblo mismo que á pocos días le mira unido á Don Patricio Pereyra á la cabeza de la sublevacion movida por este, y formada baxo su direccion contra los franceses en defensa de su independencia. De alli sale para el acampamento Español á dar una contextacion verbal á Don Francisco de Trias, que en carta dirigida á Pereyra exigia del un plan de ataque al fuerte que acababa de mandar; y por último se queda á dirigir el sitio de orden del General Español quando desde el Quartel General de Alcovaza pasó á Badajoz á avistarse con el mismo.

¡Qué contraste, valerosos patriotas, entre este digno Lusitano, y los pérfidos que olvidando sus deberes sacrifican á la ambicion, ó la cobardia la independencia de su Nacion, y la gloria de recibir en una posteridad feliz el cumulo de Bendiciones reservadas á Barreiros, y á aquellas almas grandes, para quienes triunfan es vivir, y la verdadera muerte arrastrar las cadenas del Despotismo! Perpetuémos pues la memoria de sus dignos hechos y conducidos sobre las álas de la gratitud hasta nuestros últimos Nietos, *Barreiros*, dirán, *fue uno de nuestros defensores; amemosle; la vecina Lusitania fue su cuna; sea nuestra aliada y nuestra amiga.*

CON SUPERIOR PERMISO.

DOCUMENTOS OU PEÇAS OFFICIAES.

N.º I.

GAZETTE NATIONALE ou LE MONITEUR
UNIVERSEL.

Du 16 août 1810 (PARIS).

*Extrait d'une lettre de S. Exc. le prince d'Essling à S. A. S. le
prince de Neuschdtel, Major-général.*

MONSEIGNEUR,

Je fis investir Almeida; les troupes du 6.^e corps furent réunies à cet effet, en grande partie, au fort de la Conception, et débouchèrent du val de la Mula le 24 à six heures du matin. La brigade de cavalerie légère composée des 3.^e régiment de hussards et 15.^e de chasseurs sous les ordres du général Lamotte, et précédé du bataillon des chasseurs de siège, ouvrait la marche; elle était suivie des 15.^e et 25.^e de dragons commandés par le général Gardanne; le général Monthbrun dirigeait cette cavalerie.

La division d'infanterie du général Loison formait deux colonnes; elle était soutenue par la division Mermel, à la tête de laquelle marchait le 10.^e de dragons, et par trois régimens d'infanterie de la division Marchand; M. le maréchal duc d'Elchingen dirigeait lui-même tous les mouvemens.

La division d'avant-garde de l'armée anglaise, commandée par le lieutenant-général Crauford, se compose de 2000 hommes de cavalerie et 8000 d'infanterie occupant la position à droite d'Almeida; son infanterie légère et plusieurs escadrons de hussards du 1.^{er} régiment formaient les postes en avant, et sur les flancs de cette place. L'attaque de nos troupes a été très-vigoureuse, et faite dans le meilleur ordre. L'ennemi a défendu le terrain, et a fait un feu vif de mousqueterie et de canon de bataille, mais il a été successivement chassé de ses postes au pas de

charge et sans la moindre hésitation. Le général Crauford, après avoir remis toute sa division sous le canon de la place, croyait que nous prendrions position sans oser l'attaquer dans ce poste formidable. Il se trouvait protégé par une réserve sur les hauteurs de la rive gauche du Coa, mais quatre colonnes marchèrent droit à l'ennemi, l'abordèrent avec la plus grande audace, sans répondre à son feu. Celui de la place quoiqu'assez mal dirigé, devint dans le moment de la plus grande vivacité. Le 3.^e de hussards, soutenu par le reste de la cavalerie, tomba à toute bride sur l'infanterie anglaise, et en sabra un grand nombre. Cependant le terrain était si difficile qu'il fut impossible au reste de notre cavalerie de prendre part à cette belle charge. La cavalerie ennemie a constamment refusé de faire le coup de sabre avec la nôtre, et elle s'est ralliée sous les remparts de la place; après quoi elle s'est hâtée de repasser le Coa.

Pendant ce temps, la brigade du général Ferey, débordant déjà toute la droite de l'ennemi, allait lui couper la retraite, ou le forcer à se jeter dans Almeida, lorsque le général anglais sentit la nécessité de se retirer; ce qu'il ne put faire exécuter sans un grand désordre, car nos bataillons le poursuivirent au pas de course jusqu'à ce que les colonnes qui devaient former l'investissement d'Almeida eurent exécuté cette opération sans difficulté.

J'ai l'honneur d'être avec un respectueux dévouement,

MONSEIGNEUR,

De Votre Altesse,

Le très-humble et très-obéissant serviteur,

*Le maréchal prince d'Essling, commandant
en chef l'armée de Portugal,*

MASSENA.

Salamanque, le 29 juillet 1810.

N.^o II.

MONITEUR du 11 septembre 1810.

*Copie de la sommation faite par le maréchal prince d'Essling,
commandant en chef l'armée de Portugal, à M. le Gouverneur
anglais de la place d'Almeida.*

As camp devant Almeida, le 27 août 1810.

Monsieur le gouverneur, la ville d'Almeida est incendiée. Toute mon artillerie de siège est en batterie, et l'armée anglaise est dans l'impossibilité de venir à votre

secours. Rendez-vous donc à la générosité des armées de S. M. I. et R ; je vous offre des conditions honorables. Pour les accepter, consultez ce qui s'est passé à Ciudad-Rodrigo, l'état déplorable dans lequel cette ville se trouve, et les malheurs qui seraient réservés à Almeida si vous prolongiez une défense inutile.

Agréez, M. le gouverneur, les assurances de ma considération distinguée.

Signé M A S S E N A.

N.º III.

A S. A. S. le prince de Neufchâtel et de Wagram, major-général.

Monseigneur, par ma dernière dépêche, j'avais eu l'honneur de vous prévenir que, dans la journée du 26, le feu de la place d'Almeida avait répondu au nôtre jusqu'à quatre heures du soir ; qu'alors il avait cessé entièrement ; qu'à sept heures une explosion considérable s'était manifestée dans la place, et que les incendies furent entretenues toute la nuit par nos bombes et nos obus. Cet état de choses me détermina à sommer, hier matin, le gouverneur de se rendre. Il m'envoya des officiers pour parlementer. Je leur fis connaître les conditions de la capitulation que je leur offrais. Plusieurs heures de la journée furent employées à une négociation qui ne produisit pas le succès que je désirais. Je fis donc recommencer le feu à huit heures du soir, et ce ne fut que trois heures après que le gouverneur de la place signa la capitulation dont j'ai l'honneur d'envoyer copie à V. A., ainsi que de ma sommation. Almeida se trouve de cette manière au pouvoir de Sa Majesté l'Empereur et Roi. Nous y sommes entrés ce matin à neuf heures. La garnison est prisonnière de guerre et sera conduite en France.

Signé M A S S E N A.

Capitulation accordée, au nom de S. M. l'Empereur, Roi d'Italie, protecteur de la confédération du Rhin, etc. par le maréchal prince d'Essling, commandant en chef son armée de Portugal, à M. le général anglais Cox, gouverneur de la place d'Almeida, pour la reddition de cette place aux troupes de S. M.

Art. I^{er}. La garnison sera prisonnière de guerre avec les honneurs de la guerre, c'est-à-dire qu'elle sortira avec ses armes, qu'elle déposera sur les glacis de la place. Les milices rentreront chez elles après avoir déposé les armes : elles ne pourront servir pendant la présente guerre contre la France ni ses alliés.

II. Les officiers de toutes armes et les soldats conserveront, les premiers leurs épées et leurs bagages, et les derniers leurs bagages seulement.

III. Les habitans conserveront leurs propriétés , et ne seront aucunement inquiétés pour leurs opinions.

IV. Les munitions de guerre et l'artillerie resteront au pouvoir de l'armée française , seront remises au commandant de l'artillerie.

V. Les caisses et les magasins , etc. seront remis aux commissaires des guerres français nommés à cet effet.

VI. Les plans et mémoires de la place seront remis au commandant du génie de l'armée française.

Les malades de l'armée anglaise et de l'armée portugaise seront soignés et entretenus aux frais de l'armée française , et suivront la destination de la garnison à leur rétablissement.

Au camp devant Almeida, le 27 août 1810.

Signé M A S S E N A.

N.º IV.

MONITEUR du 17 septembre 1810.

Rapport sommaire des opérations du siège d'Almeida.

Le 26 au matin , notre feu commença des onze batteries. Elles avaient pour la plupart le triple objet d'enfiler et ricocher les remparts , et de les contrebattre ; enfin trois d'entre-elles devaient battre en brèche et ruiner le bastion S. Pedro avec les demi-lunes collatérales à une distance de 150 à 180 toises. Notre feu prit par ses directions convergentes quelque supériorité sur celui de l'ennemi , qui nous opposait cependant un bien plus grand nombre de pièces. Dans la journée nos ricochets avaient déjà démonté plusieurs canons et labouré les traverses et les parapets , tandis que nos feux directs ruinaient les embrasures , et que les feux courbes désolaient l'intérieur des ouvrages. Quelques dépôts de poudre sautèrent dans Almeida et plusieurs édifices furent incendiés. Aussi vers le soir la place ne tirait plus. Alors les projectiles creux furent plus particulièrement dirigés dans la ville. Vers les huit heures du soir , une de nos bombes tomba dans le château sur un caisson qu'on chargeait devant la porte du magasin général , l'embrasa et communiqua le feu à 150 milliers de poudre. Ce fut l'éruption d'un volcan. On crut que toute la place avait sauté ; il s'en suivit un violent incendie qui se prolongea et s'étendit pendant la nuit. Une grande quantité de débris tomba dans nos tranchées qui gagnaient déjà le pied du glacis , et terminaient la 2.º parallèle.

Le 27 , je me rendis à la tranchée dès la pointe du jour , et l'on put alors juger des ravages de cette explosion. Le château , la cathédrale , toutes les habitations

voisines avaient disparus. J'ordonnai aussitôt de cesser le feu, et je fis sommer le gouverneur anglais, M. William Cox, en lui envoyant par mon premier aide-de-camp la capitulation ci-jointe. Pendant les pourparlers, qui durèrent très-long-tems, le marquis d'Alorna s'approcha des remparts que couronnait la garnison : aussitôt que ces soldats reconnurent cet ancien général en chef des troupes de Portugal, et l'un des hommes les plus recommandables de leur pays, ils témoignèrent par leurs acclamations l'enthousiasme que sa présence leur inspirait. Cependant, le gouverneur prolongeait la négociation, cherchait à gagner du tems, et finit par refuser de signer la capitulation, à laquelle je ne voulais rien changer. Dès - lors je fis commencer le feu plus vivement contre la place, et peu d'heures après, au milieu de la nuit, on me rapporta, signée du général anglais, une copie de la capitulation qui était restée dans ses mains (*).

Au fort de la Conception, le 30 août 1810.

Signé MASSENA.

A S. A. S. le prince de Neuschâtel et de Wagram, major-général.

Monseigneur, aux termes de la capitulation pour la reddition d'Almeida, les milices portugaises doivent rentrer dans leurs foyers. Cependant je leur ai fait dire que nous garderions ceux qui voudraient entrer au service de S. M. l'EMPEREUR ET ROI : 1200 hommes de bonne volonté se sont présentés, et j'en ai fait un corps de pionniers, dont moitié va être employée à combler les tranchées et à débayer la ville, et l'autre moitié à la réparation de la route d'Almeida à Pinhel.

J'ai pris à l'égard du 24^e régiment de ligne portugais, un parti qui me semble convenable au bien du service de S. M. : je le retiens ici au lieu de l'envoyer en France, et je vais lui donner pour chefs et pour officiers une partie de ceux de leur nation attachés à l'armée de Portugal. J'utiliserai ainsi les bonnes dispositions reconnues dans ce régiment, sa haine envers les Anglais et le zèle de MM. les officiers portugais qui m'ont été envoyés. J'ai mis à la disposition du général commandant l'artillerie les 112 canoniers portugais qui ont demandé à servir, et je retiens en outre 60 cavaliers qui ont témoigné le même désir. J'aurai cependant soin d'avoir toujours les yeux sur ces troupes et de ne les placer que dans les postes les moins importants. Il me sera bien agréable d'apprendre par V. A. que S. M. approuve ces différentes dispositions.

Je suis, etc.

Au fort de la Conception, le 30 août 1810.

Signé MASSENA.

(*) Voyez le n.^o du Moniteur du 11 septembre.

N.º V.

A Paris, le 20 février 1811.

A monsieur Barreiros, major d'artillerie portugaise.

Je vous préviens, Monsieur, que l'Empereur, par un décret du 16 de ce mois, vous a nommé au grade de colonel d'artillerie portugaise.

S. M. m'autorise à vous donner cet avis provisoire en attendant celui que vous recevrez officiellement du ministre de la guerre.

Le prince de Wagram et de Neufchâtel, major général.

ALEXANDRE.

N.º VI.

Norberto Niño, en nombre de D. Josef de samano maestro relojero, y vecino de esta ciudad como encargado de Don Fortunato Josef Barreiros coronel de artilleria Portugues residente em Bourges, departamento de Cher, digo; combiene a el derecho del referido D. Fortunato, que con estacion de uno de los caballeros proveedores sindicos del comun de esta referida ciudad, se le reciba la competente justificacion con los testigos que por su parte sean señalados en razon de si es cierto, que el referido Don Fortunato, no ha tenido exercicio alguno en el exercito Francez; que no ha sido empleado contra la España; y que durante la batalla de Arapiles estuvo en esta ciudad vestido de paisano; que siempre trató con Españoles fieles, y nunca con los aliados, y amigos de los Francezes. A. V. S. snplico se sirva mandar se reciba la espresada justificacion, y evacuada con aprovision, y interposicion de la autoridad judicial se entregue original para los efectos combenientes, pido, etc. etc.

N i ñ o.

Auto. Por presentado: recivase a esta parte la informacion que solocita con los testigos que presentare, la qual sea con sitacion de uno de los cavalleros proveedores sindicos del comun, y evacuado se traiga: el señor Don Jose Bargas Alcalde maior de esta ciudad de Valladolid en propiedad, y correxidor interino de ella, y su partido lo mandó a trece de septiembre de 1814. VARGAS. Ante mi. JUAN PEDRO PLAZA GONZ.

Citacion. En dicha ciudad, el nominado día yo el escrivano haviendo precedido el competente recado, atento cité en forma con el auto anterior y para los efectos que

espresa a Don Manuel Ramon Navarro , de esta vezindad, uno de los cavalleros provedores syndicos del comun de ella, en su persona: doi fé. PLAZA.

Requerimento. En seguida yo dicho escrivano teniendo ami presincia a D. Jose de samano maestro relojero de esta vezindad le requiri á efecto de que presentase los testigos para la informacion que ami me estaba intimada á D. Fortunato Barreiros ausente , y espresó lo haria yn mediatemente: doi fé. PLAZA.

Informacion. 1.º testigo, Don Lucas Dueñas, cirujano del Real hospital de Esgueba. En dicha ciudad á trece del nominado mes y año Don Jose de Samano , maestro relojero vecino de ella como encargado de Don Fortunato Barreiros , ausente, y para la informacion que le está intimada, presentó a S. S. por testigo a Don Lucas Dueñas , cirujano de el Real hospital de Santa Maria de Esgueba de esta nominada ciudad, vecino de ella, de quien por ante mi el escrivano, tomó y recibio juramento, por dios nuestro señor, y una señal de cruz en forma de derecho que hizo segun se requiere y vajo de el prometió, decir verdad de lo que supiere y le fuere preguntado, y haviendo lo sido por el pedimento que vá por caveza: Dijo, que durante la permanencia en esta ciudad de Don Fortunato Barreiros, coronel de artilleria, sabe y le consta no tubo ejercicio alguno en el exercito Frances; ni fué empleado contra la España, y asi mismo save por que lo ha visto, que durante la batalla de Arapiles, permanecio dicho Don Fortunato en esta ciudad, vestido de paisano, y siempre le vió tratar con fieles Españoles: Que es quanto puede decir y declarar, y todo la verdad para su juramento, en el que y esta su declaracion que le fué leida se afirmó, ratificó y firmó con S. S. espresando ser de cincuenta años poco mas ó menos: doi fé. VARGAS. LUCAS DUEÑAS. Ante mi. JUAN PEDRO PLAZA GONZALES.

2.º Don Matheo Blanco , receptor desta real chacilleria. En seguida el nominado dia y de la propria presentacion pareció ante S. S. Don Matheo Blanco , receptor de esta real chacilleria de quien por ante mi el espresado señor tomó y recibió igual juramento que hizo segun se requiere y vajo el prometió decir verdad de lo que supiere y le fuere preguntado, y siendolo por el referido pedimento dijo: conoce al Don Fortunato Barreiros, y sabe por que lo havisto durante estuvo en esta, no tenia ejercicio alguno en el exercito Francez, y mientras el ataque de Arapiles, estuvo en esta referida ciudad vestido a lo paisano, y siempre le vió combersar con los verdaderos Españoles, y no ha oido estuviese ó se emplease contra la España. Que es quanto save, puede decir y la verdad para su juramento en el que y esta su declaracion que le fué leida se afirmó ratificó y firmó con S. S. Espresó ser de edad de sesenta y seis años pouco mas ó menos: doi fé. VARGAS. MATHEO BLANCO. Ante mi. JUAN PEDRO PLAZA GONZALES.

3.º Don Juan Antonio de la Cal , del Comercio desta ciudad. En actocontinuo y de la propria presentacion pareció ante S. S. por testigo Don Juan Antonio de la

Cal, vecino y del comercio de esta espresada ciudad, de quien por ante mi dicho escrivano tomó y recibió igual juramento, que hizo segun se requiere y vajo el prometió decir verdad de lo que supiere y le fuere preguntado, y siendolo por el contesto del referido pedimento dijo: conoce de vista y trato á Don Fortunato Barreiros y sabe no tenia esercicio alguno en el exercito Frances, ni estuvo empleado contra la España, y durante el ataque de los Arapiles, le vio el testigo, en esta ciudad vestido de paisano, comunicando siempre con los fieles Españoles, aquienes amava: Que es quanto puede decir y toda la verdad para su juramento en el que y esta su declaracion que le fué leida se afirmó, rectificó y firmó con S. S. Espresando ser de edad de treinta y quatro años poco mas ó menos: doi fé. VARGAS. JUAN ANTONIO DE LA CAL. Ante mi JUAN PEDRO PLAZA GONZALES.

4.º Don Prudencio Dueñas, Cirujano de Guerra de esta plaza. En seguida y de la insinuada presentacion pareció ante S. S. por testigo Don Prudencio Dueñas, cirujano de guerra de esta plaza, vecino de esta ciudad de quien por ante mi el escrivano, tomó y recibió juramento en la forma que los anteriores, que hizo segun se requiere y bajo el prometió decir verdad de lo que supere y le fuere preguntado, y siendolo por el referido pedimento dijo: conoce a Don Fortunato Barreiros, contenido en dicho pedimento, con quien trató, y comunicó, y sabe por que lo ha visto no tenia esercicio en el exercito enemigo, no estuvo empleado contra la España, y durante la batalla de los Arapiles, le vió en esta ciudad vestido de paisano, siempre hablando con los buenos Españoles: que es quanto puede decir y declarar, y todo la verdad para su juramento en el que y esta su declaracion que le fué leida se afirmó, ratificó, y firmó con S. S. Espresando ser de edad de treinta y dos años, ponco mas ou menos: doi fé. VARGAS. PRUDENCIO DUEÑAS. Ante mi. JUAN PEDRO PLAZA GONZALES.

Requerimento. En seguida dicho dia yo el escrivano requeri al nominado Don Jose de Samano, á efecto de que señalase mas testigos para esta informacion, quien dijo, que por a ora no señalava mas, y protestava hacerlo en lo subcesivo si com-benia al Don Fortunato Barreiros, a quien representa. Doi fé: PLAZA.

Auto de aprovacion. Vista la informacion antecedente por S. S. el Señor Don Jose Vargas, Alcalde maior en propiedad de esta ciudad de Valladolid, y correxidor interino de ella y su partido, por ante mi el escrivano de S. M. y del numero perpetuo de la misma, á trece de septiembre de mil ocho cientos catorse, dijo la aprovava, y aprobó quanto ha lugar en derecho, y a ella interponia su autoridad y decreto judicial, y lo firmó: doi fé. Y se entregue original á la parte solicitante. Jose Vargas. Ante mi. JUAN PEDRO PLAZA GONZALES.

Comprovacion. Los escrivanos de S. M. y del numero perpetuo de esta ciudad de

Valladolid, que aqui signamos y firmamos, damos feé que el señor Don Jose Bargas, por quien se hallan dados los autos, y recebida la informacion que antecede, es Alcalde maior de esta referida ciudad, como se titula, y Juan Pedro Plaza Gonzales, por quien han autorizadas, es escrivano de S. M. y del numero perpetuo de la misma, fiel y de toda confianza, y por lo mismo todos los autos y demas que an pasado y pasan por su testimonio, siempre han hecho feé en juicio, y fuera de el : y para que conste damos la presente á catorse de septiembre de mil ocho cientos catorse. Sellado con el de este numero, en birtud de real privilegio. CASTRO DE OSCARIS. LUIZ VIDAL. DE CASTRO. MANUEL DE LESCANO y Cantilla.

N.º VII.

Bayonne, le 19 juillet 1813.

A Monsieur Barreiros, Colonel d'artillerie.

Monsieur le Colonel, j'ai l'honneur de vous prévenir que, d'après la nouvelle organisation de l'armée, vous avez été désigné pour être employé à l'état-major général d'artillerie, sous les ordres de M. le général de division Tirlet, commandant cette arme. Dans le cas où le quartier-général viendrait à faire un mouvement, vous continuerez à rester dans cette ville, et vous voudrez bien prendre les ordres de M. le colonel Bruyer, directeur du parc.

J'ai l'honneur de vous saluer avec une parfaite considération,

Le général chef de l'état-major de l'artillerie de l'armée,

BERGE.

